

VOLUME  
26

NÚMERO  
62

AGOSTO  
2015

# mais60

ESTUDOS SOBRE ENVELHECIMENTO



## ARTIGO

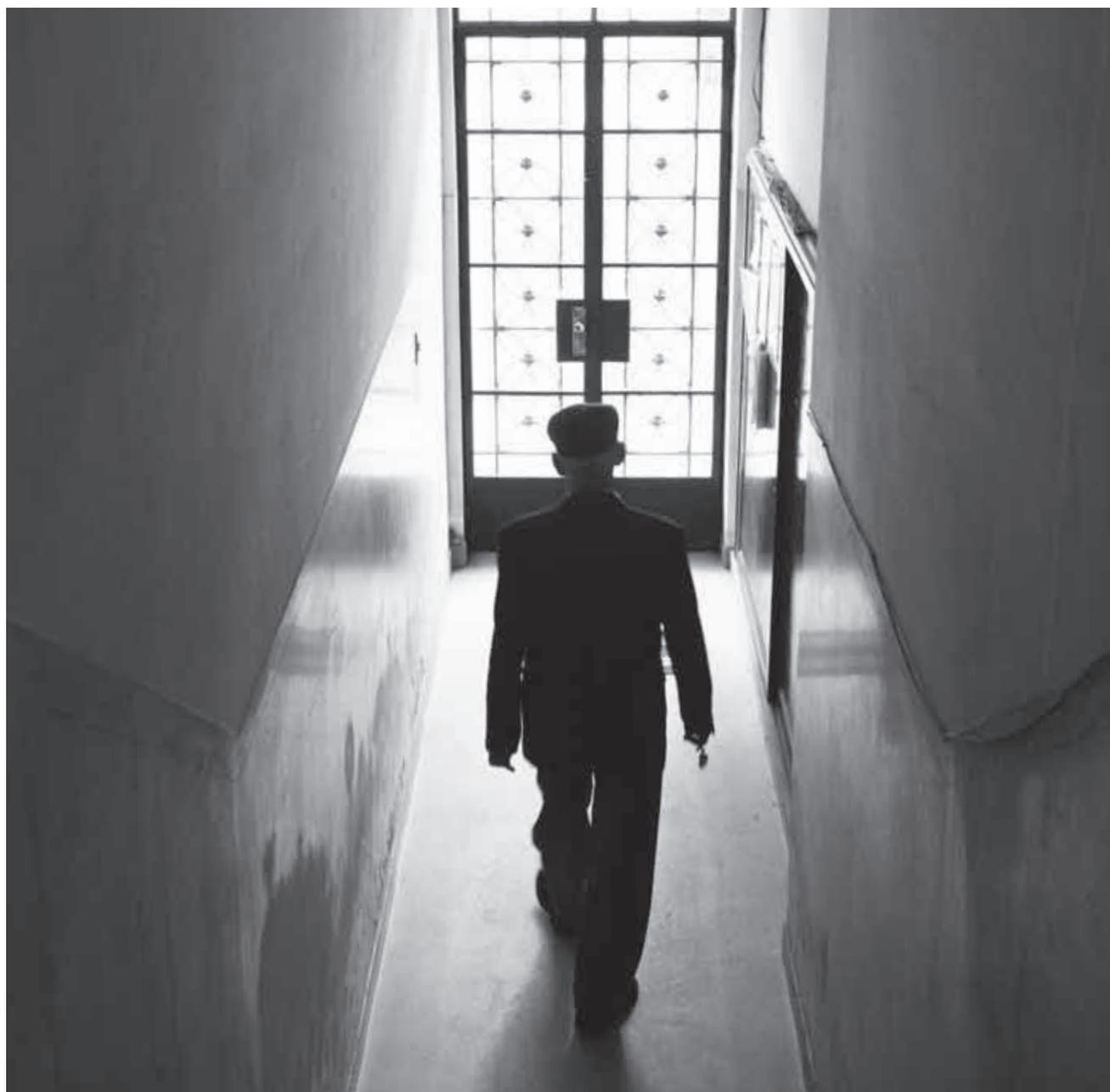
Homens idosos que não trabalham, não procuram trabalho e não são aposentados

## ENTREVISTA

Marina Abramovic  
Artista

## PAINEL DE EXPERIÊNCIAS

Sua Marca, sua História





**Sesc São Paulo**

Av. Álvaro Ramos, 991  
03331-000 São Paulo - SP  
TEL.: +55 11 2607-8000  
[sescsp.org.br](http://sescsp.org.br)

# mais60

**ESTUDOS SOBRE ENVELHECIMENTO**

VOLUME  
**26**

NÚMERO  
**62**

AGOSTO  
2015

ISSN  
2358-6362

Produção técnica editada pelo  
Sesc – Serviço Social do Comércio

**SESC - SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO**  
Administração Regional no Estado  
de São Paulo

**PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL**

Abram Szajman

**DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL**

Danilo Santos de Miranda

**SUPERINTENDENTES**

*Técnico-Social* Joel Naimayer Padula

*Comunicação Social* Ivan Giannini

*Administração* Luiz Deoclécio

*Massaro Galina Assessoria Técnica e de*

*Planejamento* Sérgio José Battistelli

**GERENTES**

*Estudos e Programas da Terceira Idade*

Cristina Riscalla Madi *Adjunta* Cristiane

Ferrari *Artes Gráficas* Hércio Magalhães

*Adjunta* Karina Musumeci

**COMISSÃO EDITORIAL**

Celina Dias Azevedo (*coordenação*),  
Ana Luisa Sirota de Azevedo, Cristianne  
Aparecida de Brito Lameirinha, Cristina  
Fongaro Peres, Danilo Cymrot, Elizabeth  
Aparecida Guaraldo Brasileiro, Flavia Rejane  
Prando, Gabriela da Silva Neves, Jair de  
Souza Moreira Júnior, Kelly Cecília Teixeira,  
Maria Augusta Maia de Araújo Damiani,  
Maria Emília Carminetti, Maria Ivani  
Rezende de Brito Gama, Mariana Barbosa  
Meirelies Ruocco, Melina Izar Marson,  
Neide Alessandra Périgo Nascimento,  
Regiane Cristina Galante, Ricardo Silvestre  
Micheli, Sandra Carla Sarde Mirabelli,  
Sandra Regina Feltran, Virginia Baglini  
Chiavalloti.

*Editoração* Marcio Freitas e João Vítor Freitas

*Produção Digital* Ana Paula Fraay  
e Marilu Donadelli

*Fotografias* Capa e Pag. 9, 79 a 85: Cristiano  
Mascaro; pag. 26, 27, 38, 39, 52, 53, 72,  
73, 75, 76, 77, 86, 87, 89: Adauto Perin.

*Revisão* Elvira Cesário Castanon

*Projeto Gráfico* Marcio Freitas  
e Renato Essenfelder

**Artigos para publicação podem ser  
enviados para avaliação da comissão  
editorial, no seguinte endereço:**

revistamais60@sescsp.org.br

Mais 60: estudos sobre envelhecimento  
/ Edição do Serviço Social do Comércio.  
– São Paulo: Sesc São Paulo, v. 25, n. 60, jul.  
2014 –.

Quadrimestral.

ISSN 2358-6362

Continuação de A Terceira Idade:  
Estudos sobre Envelhecimento, Ano 1, n. 1,  
set. 1988-2006. ISSN 1676-0336.

1. Gerontologia. 2. Terceira idade.  
3. Idosos. 4. Envelhecimento. 4.  
Periódico. I. Título. II. Subtítulo.  
III. Serviço Social do Comércio.  
CDD 362.604

**Esta revista está indexada em:**

Edubase (Faculdade de  
Educação/Unicamp)

**Nota**

As opiniões e afirmações contidas em  
artigos e entrevista publicadas na **mais60**  
são de responsabilidade de seus autores.

Baixe grátis essa e outras publicações do Sesc São Paulo disponíveis em





## CAPA

### **Cristiano Mascaro**

71 anos, fotógrafo paulista. Arquiteto formado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAU/USP – tem na arquitetura das cidades um dos eixos fundamentais de sua obra.

## SUMÁRIO

- 1** PÁGINAS DE 8 A 25  
**Artigo da capa**  
**Homens idosos que não trabalham, não procuram trabalho e não são aposentados**  
*por Ana Amélia Camarano e Daniele Fernandes*
- 2** PÁGINAS DE 26 A 37  
**Análise da massa corporal de participantes do Projeto Qualidade de Vida na Terceira Idade de um Centro Universitário do Interior do Paraná**  
*por João Paulo dos Passos Santos, Kátia Letícia Simões, Daniel Vicentini de Oliveira e Terezinha Gomes Faria*
- 3** PÁGINAS DE 38 A 51  
**Repercussões dos Grupos de Terceira Idade na vida dos idosos: a fala dos facilitadores do SESC/RS**  
*por Eduardo Danilo Schmitz, Marilene Rodrigues Portella e Helenice de Moura Scortegagna*
- 4** PÁGINAS DE 52 A 71  
**O silêncio que oculta: violência contra a pessoa idosa**  
*por Sandra Carla Sarde Mirabelli, Fláminia Manzano Moreira Lodovici, Nadia Dumara Ruiz Silveira, Maria Helena Villas Bôas Concone e Suzana Carielo da Fonseca*
- e** PÁGINAS DE 72 A 77  
**ENTREVISTA: Marina Abramovic**
- f** PÁGINAS DE 78 A 85  
**FOTOGRAFIA: Cristiano Mascaro**
- p** PÁGINAS DE 86 A 91  
**PAINEL DE EXPERIÊNCIA: Sua Marca, sua História: Arte e Memória**  
*por Jusiléia Rocha de Oliveira*
- r** PÁGINAS DE 92 A 93  
**RESENHA: Cozinhar. Uma História Natural da Transformação**  
*por Mariana Meirelles Ruoco*



# Trabalho e o envelhecimento

**Danilo Santos de Miranda**

*Diretor Regional*



As consequências da aposentadoria e a centralidade que o trabalho ocupa nas etapas da vida de um indivíduo merecem ser consideradas não só pela sua relevância, mas, também, pelos estereótipos e preconceitos que acarretam em relação à velhice.

Em um contexto social contemporâneo pautado pelo valor produtivo, o trabalho contrapõe-se à aposentadoria. Identificamos, no senso comum, uma associação direta entre velhice e aposentadoria, que remete, e ao mesmo tempo reforça, o estereótipo do velho desocupado, inútil e, conseqüentemente, marginalizado. A pesquisa

“Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade”, realizada pelo Sesc em 2007, mostrou que há uma percepção negativa e preconceituosa dos jovens que veem os velhos como incapazes e ultrapassados.

Sabemos que a ideia do envelhecimento se liga às imagens e às demandas efetivas desenvolvidas na vida adulta. No entanto, vale lembrar que se ainda existe a rejeição contra os idosos, existe uma ideia, também prejudicial, de um paraíso na aposentadoria que deverá compensar todos os sacrifícios feitos em vida.

Assim, esta mesma contemporaneidade nos coloca diante do desafio de encontrar elementos e propor ações que tornem a vida fora do trabalho também dotada de sentido e a aposentadoria como um tempo de descobertas e/ou redescobertas. Temos mais tempo pela frente. Por que não fazer dele um tempo de construções, de relevância pessoal e social?

O Sesc São Paulo, com o programa Trabalho Social com Idosos, coloca o idoso no centro de sua proposta, promovendo reflexões sobre a longevidade e o envelhecimento. Suas diretrizes apontam para a diminuição do preconceito e promoção da cultura do envelhecimento. Nas mais variadas frentes de ação, o idoso deve permanecer interagindo com outras pessoas, tendo em vista seus interesses, e não sua idade. ☺



*Artigo  
da capa*

## **Homens idosos que não trabalham, não procuram trabalho e não são aposentados<sup>1</sup>**

[Artigo 1, páginas de 8 a 25]

**1** Este trabalho é um desdobramento de dois outros: Camarano e Fernandes (2014) e Camarano e Fernandes (mimeo). O primeiro considerou a população de 50 a 69 anos e o segundo, de 50 a 59 anos.



### **Ana Amélia Camarano**

*Graduada em Economia e Doutora em Estudos Populacionais pela London School of Economics e realizou sua pesquisa de Pós-Doutorado na Nihon University, no Japão, sobre envelhecimento populacional, políticas públicas e arranjos familiares. Pesquisadora da Diretoria de Estudos e Políticas Sociais do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e professora do Curso de Geriatria e Gerontologia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Ana Amélia Camarano publicou vários livros e realizou o primeiro levantamento nacional sobre as Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs).*

### **Daniele Fernandes**

*Formada em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense (UFF), é Mestre em Estudos Populacionais e Pesquisas Sociais na Escola Nacional de Ciências Estatísticas (ENCE/IBGE). Atualmente, é pesquisadora da Diretoria de Estudos e Políticas Sociais (DISOC) do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).*



**RESUMO**

Este trabalho analisou o crescimento do número de homens brasileiros de 60 a 69 anos que não trabalhavam, nem procuravam trabalho, e nem eram aposentados. Observados entre 1993 e 2013, eles foram chamados de “nem-nem”. O número dos “nem-nem” passou de 123 mil para 476 mil no período em questão. Embora a proporção de mulheres nessa categoria seja predominante, notamos que a proporção diminuiu de 90,0% para 78,3%. Ou seja, o número de mulheres nessa categoria diminuiu e o de homens aumentou. Esse fenômeno pode acarretar implicações socioeconômicas importantes, dado o novo regime demográfico, que requer uma permanência mais longa dos trabalhadores na atividade econômica, para compensar os efeitos negativos do envelhecimento populacional e da redução da força de trabalho. Observamos não somente a aposentadoria precoce, como a saída do mercado de trabalho sem aposentadoria. O processo pode ser um reflexo das dificuldades de inserção no mercado de trabalho, agravadas pela baixa escolaridade dos “nem-nem”. Em geral, as ocupações exercidas pelos menos escolarizados são mais dependentes de força física. Uma vez que notamos uma diminuição na proporção de homens chefes de família e um aumento na de cônjuges e filhos, esse cenário pode, também, estar sinalizando uma mudança nas relações de gênero.

**Palavras-chave:** aposentadoria; mercado de trabalho; homem e mercado de trabalho

**ABSTRACT**

*The paper analyzed the increase of the Brazilian men aged 60 to 69 who did not work or were looking for work nor were retired, observed between 1993 and 2013. They were called NER. This number increased from 123 thousands to 476 thousands. Although women predominated in this category, this proportion decreased from 90.0% to 78.3%. That is, the number of women in this category decreased and that of men increased. This phenomenon may have important socioeconomic implications given the new demographic regime. This is requiring a longer stay of workers in economic activity to offset the negative effects of population aging and shrinking workforce. What was observed not only an early retirement, but also an exit from the labor market without retirement. The process may reflect difficulties in participation in economic activities, which is stressed by the low educational of the NER. Generally speaking, the occupations performed by the less educated ones are more dependent on physical strength. It may also be pointing to changes in gender relations. It was also observed a decrease in the proportion of males as household heads and an increase in that of spouses and children of the head of the household.*

**Keywords:** labor market; man and labor market

## INTRODUÇÃO

Tradicionalmente, considera-se que o ciclo da vida divide-se em três fases: primeira (infância e adolescência), segunda (vida adulta), e terceira (velhice). A entrada no mercado de trabalho é um dos eventos que marca o início da vida adulta para os homens e, da mesma forma, a saída dele, pela aposentadoria, é o que caracteriza a entrada na última fase da vida ou a velhice. Ou seja, os homens têm a vida pautada pelo mercado de trabalho, dado que a escola, que marca a infância, pode ser considerada o evento preparatório para eles. Para as mulheres, casamento e maternidade ainda são os eventos mais importantes na sua inserção social muito embora a sua participação tanto na escola quanto no mercado de trabalho tenha crescido (Camarano, 2006).

Pretende-se chamar a atenção, neste trabalho, para o crescimento do número de homens brasileiros de 60 a 69 anos que não trabalhavam, nem procuravam trabalho e nem eram aposentados,<sup>2</sup> observado entre 1993 e 2013. Estes homens passarão a ser chamados de “nem-nem”. Embora essa categoria seja a menor entre as que compõem esse grupo etário, seu número cresceu aproximadamente quatro vezes no período, passando de 123 mil para 476 mil indivíduos. Constituíam 3,8% dos homens nessa faixa etária, em 1993, e passaram a constituir 7,1% em 2013. Esse aumento ocorreu devido à redução da sua participação na atividade econômica. Por outro lado, embora a proporção de mulheres nessa categoria seja predominante, essa proporção diminuiu de 90,0% para 78,3%. Ou seja, enquanto o número de mulheres diminuiu, o de homens aumentou.

O fenômeno dos “nem-nem” foi primeiro observado entre a população jovem, no caso, jovens que não estudavam e nem trabalhavam. No grupo de jovens também predominam as mulheres, mas tem se observado um aumento no número de homens de 15 a 29 anos e uma redução no número de mulheres nessa condição.<sup>3</sup> Por razões diversas, esse fenômeno pode apresentar implicações socioeconômicas importantes nas duas situações.

No presente trabalho, procuramos chamar a atenção para o novo regime demográfico, que já está requerendo uma permanência mais longa dos trabalhadores na atividade econômica para compensar, pelo menos parcialmente, os efeitos negativos do envelhecimento populacional e da redução da oferta de força de trabalho. No entanto, o que se observa entre os homens brasileiros, não é apenas uma aposentadoria precoce, mas, também, uma saída do mercado de trabalho sem aposentadoria. Isso leva a se perguntar em que fase da vida esses ho-

**2** Para medir não trabalhar e não procurar trabalho, utilizou-se o conceito de população economicamente ativa (PEA). Entre os não aposentados, incluiu-se, também, as pessoas que não recebiam pensão por morte.

**3** Ver Camarano, Mello e Kanso (2006); Camarano, Kanso e Fernandes (2013); Costa, J.; Ulyseia, G. (2014).



**Muito embora o *timing* e a frequência da participação dos homens nesses eventos tenham mudado, a questão levantada neste trabalho foi entender o aumento no número de homens de 60 a 69 anos que não participava de nenhum deles.**

mens podem estar alocados, ou se novos eventos / papéis sociais estão caracterizando a vida dos homens brasileiros.

A pergunta principal deste trabalho era se esses homens estão em condições de vulnerabilidade: não procuram trabalho por desalento, não estão aposentados por falta de um histórico de contribuições e / ou estão inseridos em uma família capaz de garantir-lhes a sobrevivência básica até conseguirem uma posição satisfatória no mercado de trabalho e / ou se aposentarem. Inicialmente procuramos traçar um perfil desse subgrupo populacional, tendo como pano de fundo as vulnerabilidades e potencialidades advindas do contexto familiar no qual ele está inserido, comparando com as outras possibilidades de inserção social. Partimos do pressuposto de que idade, escolaridade, estado conjugal, condição no domicílio, condição de saúde / autonomia e renda domiciliar afetam a alocação do tempo desses indivíduos.

Este texto está dividido em três seções, incluindo esta introdução. Na primeira seção analisamos a evolução e as características dos homens brasileiros de 60 a 69 anos, que não estavam na força de trabalho e não eram aposentados nos anos de 1993, 2003 e 2013; na segunda descrevemos a inserção familiar desses indivíduos; na terceira as condições de suas famílias, comparando com as condições dos que vivenciavam outras formas de inserção social. Por fim, apresentamos algumas sugestões de políticas para a re-inserção desses indivíduos na atividade econômica.

Os dados utilizados foram os da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 1993, 2003 e 2013, e os do Censo Demográfico de 1980 e 2010, e os do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

### 1. ALOCAÇÃO DO TEMPO ENTRE O TRABALHO E A APOSENTADORIA

A participação no mercado trabalho é o evento que, tradicionalmente, caracteriza a vida dos homens e define sua vida adulta. Já foi observado em outros trabalhos que no Brasil, entre 1980 e 2010, as pessoas passaram a entrar mais cedo na escola e a sair mais tarde dela e, conseqüentemente, entraram mais tarde no mercado de trabalho. A idade média de entrada no mercado de trabalho passou de 16,2 para 17,8 anos, e a idade à saída diminuiu de 64,1 para 63,5 anos, a despeito do aumento da esperança de vida ao nascer e aos 60 anos (CAMARANO, KANNO E FERNANDES, 2014).

A aposentadoria, ou seja, a saída do mercado de trabalho, é tradicionalmente o evento que marca a entrada na última fase da vida. Também, contraditoriamente ao aumento da esperança de vida, a idade média em que as pessoas se aposentam está diminuindo em quase todo o mundo, inclusive no Brasil. Em 1980, as pessoas se aposentavam, em média, aos 61,0 anos e em 2011, aos 60,6.<sup>4</sup> No Brasil, contudo, a legislação permite que o aposentado volte ao mercado de trabalho sem nenhuma restrição e a aposentadoria “precoce” pode não significar uma saída do mercado de trabalho. De fato, para 2011 estimou-se que os homens saíam do mercado de trabalho aos 63,5 anos, 2,9 anos depois de aposentados. Essa participação simultânea torna tênue a delimitação das fases da vida.

Muito embora o *timing* e a frequência da participação dos homens nesses eventos tenham mudado (CAMARANO E FERNANDES, 2014), a questão levantada neste trabalho foi entender o aumento no número de homens de 60 a 69 anos que não participava de nenhum deles. Considerando o grupo como um todo, homens e mulheres, eram 1,2 milhões de pessoas em 1993, ou seja, 17,6% da população desse grupo etário, e 2,2 milhões em 2013. Esse aumento foi relativamente menor do que o crescimento da população de 60 a 69 anos, o que resultou em uma redução dessa proporção para 15,4%. Esta redução se deve à diminuição da proporção de mulheres nessa categoria, que passou de 29,7% para 22,4%; essa diminuição foi mais acentuada entre 1993 e 2003. Já a proporção de homens nessa condição aumentou de 3,8% para 7,2%. Em termos absolutos, passou de 123 mil para 476 mil.

Apesar disso, a grande maioria desse segmento ainda era composta de mulheres, 78,3% em 2013, mas essa participação vem decrescendo no tempo, em 1993, por exemplo, eram 90,0% de mulheres. Isso leva a crer que existe um forte componente de gênero nesse fenômeno. Assume-se que uma parte dessas mulheres tenha constituído família e esteja

<sup>4</sup> Estimativas das autoras.

desempenhando o papel tradicional de mãe e dona de casa. Aproximadamente 74% das mulheres que não trabalhavam e não eram aposentadas estavam casadas, e 90,3% tinham filhos vivos em 2013.

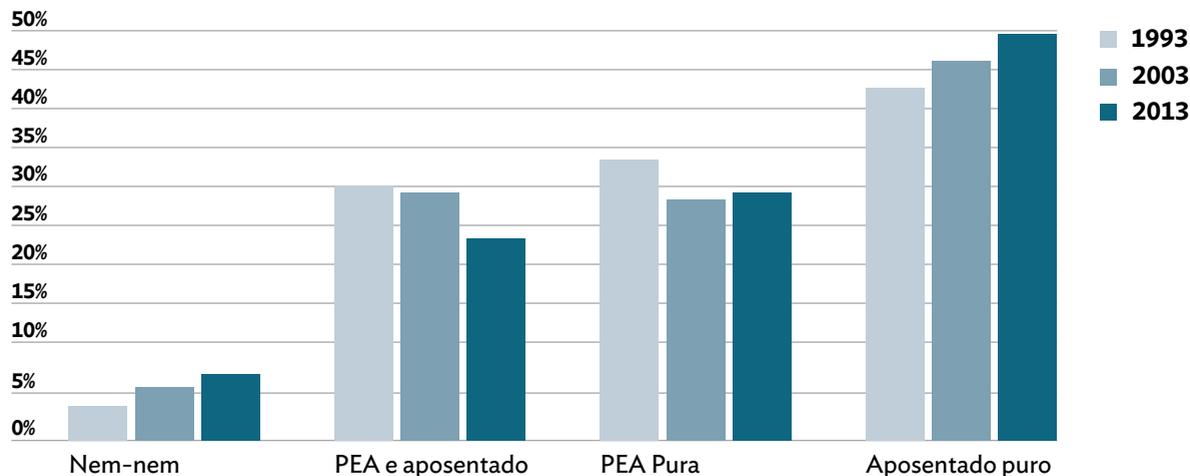
Ao dividirmos o grupo em 60 a 64 anos e 65 a 69 anos, observamos um incremento no número de homens que não trabalhavam e não eram aposentados nesses dois grupos de idade e com intensidade semelhante. Contudo, a proporção dos “nem-nem” de 60 a 64 anos no total da população desse grupo é mais elevada (8,4%) do que a comparável para o grupo de 65 a 69 anos (5,6%). Isso sugere que os homens do primeiro grupo além de experimentarem dificuldades para se inserir em alguma atividade econômica, não cumpriram os requisitos para aposentar-se. Já a menor proporção da população de 65 anos ou mais pode ser explicada pela sua possibilidade de receber o benefício não contributivo (Benefício da Prestação Continuada-BPC), possibilidade que se inicia aos 65 anos.

Buscando entender esse movimento, classificamos a população masculina de 60 a 69 anos em quatro categorias: não participar da PEA e não ser aposentado e nem pensionista (“nem-nem”); participar da PEA e ser aposentado e / ou pensionista (PEA aposentada); participar da PEA e não ser aposentado e nem pensionista (PEA pura); e não participar da PEA e ser aposentado e / ou pensionista (aposentado puro). Pudemos observar que as duas categorias que apresentaram um crescimento relativo foram as dos “nem-nem” e a dos aposentados puros. Já as proporções dos que trabalhavam, aposentados ou não, diminuíram. A taxa de participação desse grupo etário nas atividades econômicas reduziu de 57,9% para 48,7%. Já a proporção de aposentados puros aumentou de 38,3% para 44,1%. Nessa última categoria, encontramos a maioria dos homens dessa faixa etária (ver gráfico 1).



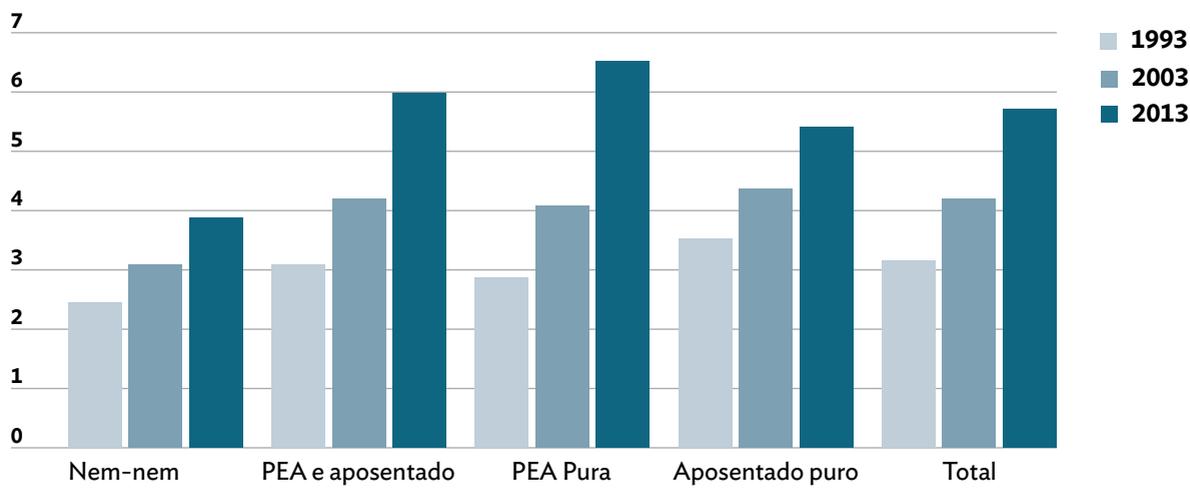
**Pudemos observar que as duas categorias que apresentaram um crescimento relativo foram as dos “nem-nem” e a dos aposentados puros. Já as proporções dos que trabalhavam, aposentados ou não, diminuíram.**

**Gráfico 1**  
**Distribuição proporcional da população masculina de 60-69 anos por categorias de uso de tempo Brasil**



Em 2013, a grande maioria dos homens que não participava das atividades econômicas era aposentada, 85,1%, uma proporção menor do que a observada em 1993. Esses dados deixam claro que a redução da participação masculina ocorreu, também, sem o ingresso na aposentadoria. Entre as dificuldades para a participação na atividade econômica, eles citaram preconceitos com relação ao trabalho das pessoas mais velhas. Embora tenham mais experiência profissional que os mais jovens, eles têm mais dificuldades de acompanhar as mudanças tecnológicas, as taxas de absenteísmo no trabalho são mais elevadas devido a morbidades, têm menos força física, etc. Isso sugere a necessidade de se elevar o número de oportunidades profissionais para esse grupo, por meio de políticas de capacitação continuada, de saúde ocupacional, de redução de preconceitos, entre outras. Também requer por parte dos formuladores de políticas cautela ao propor o adiamento da idade à aposentadoria, pois ela pode resultar em taxas de desemprego elevadas para a população mais velha (BLOOM ET AL., 2011).

O gráfico 2 apresenta o número médio de anos de estudo dos homens brasileiros de 60 a 69 anos segundo as quatro categorias estudadas em 1993, 2003 e 2013. Nele podemos observar que houve ganhos na escolaridade de todos os homens, porém, mais expressivos para aqueles que apenas faziam parte da PEA, ou seja, a PEA pura. Nos três anos con-

**Gráfico 2****Número médio de anos de estudo da população masculina de 60-69 anos segundo as categorias de uso / Brasil**

siderados, a mais baixa escolaridade foi observada no grupo dos “nem-nem”, aproximadamente quatro anos de estudo em 2013, e a mais alta para aqueles que apenas trabalhavam, 6,5 anos. A diferença entre essas duas categorias foi de 2,6 anos. A menor escolaridade pode ser um dos fatores que explicam as dificuldades de inserção no mercado de trabalho desses indivíduos. Camarano, Kanso e Fernandes (2014) mostraram que a escolaridade leva a uma participação mais elevada nas atividades econômicas por parte das pessoas em idades mais avançadas.

Para avaliar se a não participação no mercado de trabalho para esses indivíduos podia ser atribuída à presença de alguma limitação física ou mental, utilizamos os dados do Censo Demográfico de 2010. O referido censo investigou a presença de deficiências permanentes. Aproximadamente 57% desses homens declarou ter alguma dificuldade, mas essa informação não permitiu avaliar o grau de dificuldade. Já quando se perguntava sobre várias deficiências, foi possível avaliar o grau de cada uma. A tabela 1 apresenta as proporções dos homens de 60 a 69 anos “nem-nem” que declarou não conseguir ou ter dificuldade grave para ouvir, enxergar e caminhar. Essas proporções são comparadas com as dos homens com a mesma idade nas outras categorias. As outras três categorias foram agrupadas para facilitar a comparação.

Observe-se que qualquer que seja a dificuldade considerada, os ho-

**Tabela 1**

**Proporção dos homens de 60 a 69 anos que não conseguem ou tem dificuldade grave pelo tipo de dificuldade segundo as categorias**

Dificuldades	Nem-Nem	Outros
Enxergar	10,0	7,7
Ouvir	3,8	3,3
Caminhar ou subir degraus	8,5	5,5
Deficiência mental/intelectual	4,4	1,8

Fonte: IBGE/Censo Demográfico de 2010

mens na condição de “nem-nem” apresentaram uma proporção mais elevada. A maior dificuldade reportada, nos dois casos, foi a de enxergar bem. No caso dos “nem-nem” elas foram encontradas em 10% dos homens, número baixo para explicar o fato de não trabalharem. É possível que esse último grupo experimentasse mais de uma dificuldade. Em média os homens “nem-nem” experimentavam 1,3 dificuldade.

## **2. EM QUE FAMÍLIAS<sup>5</sup> VIVEM OS HOMENS “NEM-NEM”?**

Os contratos tradicionais de gênero estabelecem que cabe ao homem trabalhar para prover a família e às mulheres cuidar dos membros dependentes. Por definição, os “nem-nem” não trabalham, mas percebemos que cresceu a proporção dos que declararam ter algum rendimento no período considerado. Em 1993, a referida proporção foi de 28,9% e, em 2013, 33,1%. Também, por definição, esses rendimentos não eram oriundos do trabalho nem de aposentadoria ou pensão por morte. Em 2013, 21,6% desse rendimento era oriundo de aluguéis, 3,4% de doações e o restante foi classificado como juros, dividendos, benefícios sociais, etc. (outros rendimentos).

A posição na família foi um indicador importante, porque é dentro da família que as decisões sobre trabalhar para prover ou cuidar dos membros dependentes são tomadas. Tentando inferir como viviam esses homens, analisamos sua condição na família comparada à dos demais homens da mesma idade das três outras categorias, que também foram agrupadas (tabela 2). Entre os homens “nem-nem”, predominavam os chefes de família, mas em proporção decrescente; esta passou de 79,4% para 69,8% entre 1993 e 2013. A redução foi compensada pelo aumento da proporção de cônjuges e de filhos.

**5** A unidade de análise aqui utilizada foi o domicílio, embora o trabalho refira-se quase sempre à família. Para uma discussão do conceito de família e domicílio, consulte Medeiros (2002).

**Tabela 2****Distribuição percentual dos homens de 60 a 69 anos segundo a condição no domicílio pela categoria**

	Não trabalham e não são aposentados/pensionistas			Outras categorias		
	1993	2003	2013	1993	2003	2013
Chefe	79,4%	76,9%	69,8%	94,5%	92,9%	81,6%
Cônjuge	1,8%	7,1%	16,9%	0,9%	2,9%	13,6%
Filho	1,6%	2,0%	3,5%	0,3%	0,5%	0,9%
Outro parente	15,9%	12,6%	9,0%	3,9%	3,4%	3,5%
Outros	1,2%	1,4%	0,7%	0,5%	0,3%	0,3%

Fonte: IBGE/PNAD de 1993, 2003 e 2013

A proporção de homens cônjuges passou de 1,8% para 16,9%, o que sinaliza uma possível mudança nas relações de gênero. Por exemplo, segundo a PNAD de 2013, 72,6% desses homens cônjuges tinham uma esposa que declarava ter rendimentos próprios, oriundos do trabalho ou de aposentadoria.

Embora baixa, a proporção de homens maduros na condição de filhos<sup>6</sup> também cresceu, o que sugere que, no caso de separações e / ou pela falta de trabalho/renda, esses homens tenham voltado para a casa dos pais, nesse caso, muito idosos. Essa proporção passou de 1,6% para 3,5%. Outra característica da vida adulta foi a saída da casa dos pais e a constituição de um domicílio próprio. Pergunta-se, portanto, o que significaria essa volta.

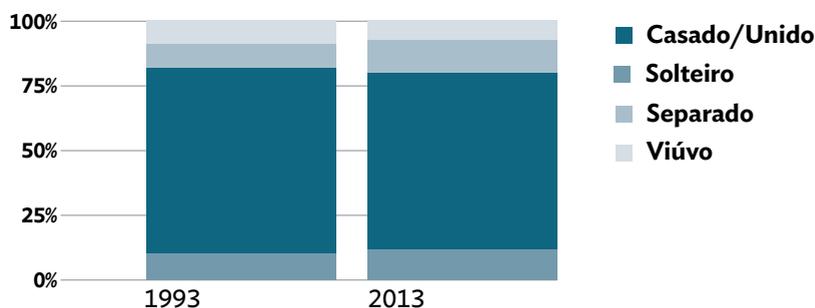
Entre os homens das demais categorias também predominavam os chefes de família em proporções decrescentes. No entanto, as proporções eram mais elevadas do que entre os homens “nem-nem”. Em 2013, enquanto 69,8% eram chefes de família, a proporção comparável para as demais categorias foi de 81,6%. Nesse último caso, a redução na proporção de chefes foi compensada apenas pelo aumento da proporção de homens cônjuges, sinalizando, também, uma mudança nas relações de gênero.

<sup>6</sup> Estimou-se uma idade média para esses filhos de 62,5 anos.



**A redução na proporção de chefes foi compensada apenas pelo aumento da proporção de homens cônjuges, sinalizando, também, uma mudança nas relações de gênero.**

**Gráfico 3**  
**Distribuição proporcional dos homens de 60-69 que não trabalham e nem são aposentados/pensionistas por estado conjugal / Brasil**



Mudanças de condição na família eram, em geral, relacionadas a alterações no estado conjugal, como mostra o gráfico 3.<sup>7</sup> A maioria dos homens que não trabalhava e nem recebia benefício de aposentadoria ou pensão era casada, proporção que diminuiu de 72,5% para 68,6%. Entretanto, aumentou a proporção de separados, de 8,5% para 12,8%, e a de solteiros, que passou de 9,6% para 11,2%. Os aumentos nas duas proporções podem explicar o crescimento na proporção desses homens morando com os pais. Já a proporção de viúvos diminuiu ligeiramente de 9,4% para 7,3%.

**7** Não foram apresentados dados para 2003, porque a PNAD daquele ano não levantou essa informação.

### 3. QUEM FINANCIAM ESSES HOMENS?

A tabela 3 mostra que os homens que não trabalhavam e nem eram aposentados em 2013 estavam inseridos em famílias cujo rendimento médio domiciliar, tanto total quanto *per capita*, era bem mais baixo do que o das famílias que tinham homens de 60 a 69 anos nas outras categorias. O valor do rendimento médio *per capita* dos domicílios nos quais moravam pelo menos um “nem-nem” era aproximadamente um terço do rendimento dos domicílios onde moravam homens dessa faixa etária localizados nas outras categorias. A menor escolaridade dos chefes dos domicílios com “nem-nem”, 1,8 ano mais baixo do que os chefes de domicílio sem “nem-nem”, pode ajudar a explicar o seu menor rendimento. Entretanto, não participar das atividades econômicas, também, resulta em um menor rendimento médio domiciliar. No segundo grupo de domicílios, encontrava-se 0,5 pessoa a mais trabalhando.

**Tabela 3****Algumas características dos domicílios com homens de 60 a 69 anos segundo as características**

<b>Brasil, 2013</b>	<b>Com pelo menos um homem que não é pea e nem aposentado/pensionista</b>	<b>Sem nem-nem</b>
Número médio de moradores	3,2	3,0
Idade média do chefe	62,6	62,9
Número médio de anos de estudo do chefe do domicílio	4,2	6,0
<b>RENDIMENTOS EM R\$</b>		
Rendimento médio domiciliar	1.452,88	3.808,68
Rendimento médio per capita dos domicílios que tem homens na categoria estudada	454,2	1.277,2
<b>FONTES DE RENDIMENTO DOS CHEFES (%)</b>		
Trabalho	22,0	50,8
Aposentadoria/Pensão	30,3	46,8
Aluguel	11,3	1,5
Doações	1,8	0,0
Outros rendimentos*	34,8	0,7
<b>CONTRIBUIÇÃO DA RENDA DOS MEMBROS NOS DOMICÍLIOS (%)</b>		
Chefe	28,1	56,6
Cônjuge	29,7	23,0
Filho	31,1	15,3
Outro parente e outro membro	11,2	5,1
<b>PARTICIPAÇÃO NO PEA</b>		
Número médio de pessoas que fazem parte da PEA	0,9	1,4
Número médio de mulheres que fazem parte da PEA	0,5	0,5
Nº médio de pessoas aposentadas/pensionistas no domicílio	0,4	0,4

Fonte: IBGE/PNAD de 2013

\* Outros rendimentos são: rendimento de abono permanência, juros de caderneta de poupança e de outras aplicações financeiras, dividendos, programas sociais e outros rendimentos.

Nos domicílios com “nem-nem”, a maior parcela da renda era proveniente da renda dos filhos, 31,1%, seguida da renda do cônjuge, 29,7%. A renda dos chefes era responsável por 28,1%. Já nos demais domicílios, o chefe respondia pela maior parcela da renda, seguido do cônjuge. A principal fonte dos rendimentos dos domicílios com “nem-nem” eram “outros rendimentos”, e aproximadamente a metade da renda dos demais vinha do trabalho. A menor contribuição da renda do trabalho nos domicílios dos “nem-nem”, em parte, se devia ao fato de ali se encontrar menos pessoas que trabalhavam. Além disso, as famílias com “nem-nem” eram maiores, o que significa uma maior dependência sobre a renda dos que trabalham ou sobre os benefícios sociais. Nos domicílios com “nem-nem”, os programas sociais, incluindo aí o seguro-desemprego, bolsa família bem como aposentadorias e pensões compunham uma contribuição importante. A contribuição de doações de membros da família não residentes nos domicílios era muito baixa nos dois tipos de domicílios.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Observamos uma redução da participação da população masculina de 60 a 69 anos nas atividades econômicas, a qual que não está associada apenas à aposentadoria “precoce”. Entre 1993 e 2013, houve um crescimento tanto relativo quanto absoluto no número de homens de 60 a 69 anos que não trabalhavam, não procuravam trabalho, não eram aposentados e nem pensionistas. Isso sinaliza uma dificuldade do mercado de trabalho de absorvê-los; acreditamos que uma delas seja o preconceito em relação ao trabalhador mais velho.

É muito comum encontrar na literatura que o trabalho é o evento social mais importante na vida dos homens, pois os contratos tradicionais de gênero estabelecem os papéis de provedor para eles e o de cuidadora para as mulheres. Eventos ligados ao mercado de trabalho, como escola e aposentadoria, definem as fases da vida, daí a pergunta: Como entender essa não inserção em nenhum desses eventos?. O processo, aqui estudado, sinaliza que pode estar havendo mudanças nas relações de gênero, dado que observamos uma diminuição na proporção de homens chefes de família e um aumento na de cônjuges e filhos. Pode, também, ser um reflexo de necessidades frente às dificuldades de inserção no mercado de trabalho, o que requer uma maior participação das mulheres nas atividades econômicas. A baixa escolaridade dos “nem-nem” estaria contribuindo para essa dificuldade.

A tendência aqui analisada vai em sentido contrário ao requerido pelo novo regime demográfico. A saída mais tardia do mercado de trabalho é um requisito importante para contrabalançar os desafios trazidos pela redução da oferta de força de trabalho e pelo envelhecimento populacional.

Para Bloom et al. (2011), a população não apenas vive mais, como vive melhor, mesmo nas idades mais avançadas. Como resultado, as patologias do envelhecimento têm ocupado um espaço menor no ciclo da vida (relativo e absolutamente), o que vem prolongando o tempo de vida potencial de trabalho. Isso coloca a necessidade de políticas públicas que contribuam para incentivar uma permanência mais longa das pessoas de idade mais avançada nas atividades econômicas. Mas isso esbarra em várias dificuldades.

A primeira delas diz respeito à relação entre idade e produtividade. Como discutido por Souza Junior e Levy (2014), a literatura sobre esse tema não é clara, e os resultados são contraditórios e variam de acordo com os países, o que não permite inferências conclusivas. Há autores que consideram que as empresas podem ter vantagens com a experiência dos trabalhadores mais velhos; outros concluem que o envelhecimento pode levar à redução da produtividade.

Uma das dificuldades enfrentadas por trabalhadores mais velhos diz respeito ao preconceito que eles sofrem no mercado de trabalho. Walker (2002, p. 128) ressaltou a importância de ações para combater a discriminação em relação à idade. “Discriminação por idade é a antítese do envelhecimento ativo. Essa forma de exclusão não é apenas injusta, mas é um desperdício econômico”. A falta de ajuda e de incentivo para treinamentos e atualizações estaria desestimulando os trabalhadores mais velhos, que talvez estejam sentindo seu capital humano depreciado.



**Há autores que consideram que as empresas podem ter vantagens com a experiência dos trabalhadores mais velhos; outros concluem que o envelhecimento pode levar à redução da produtividade.**

Bloom et al. (2011) apresentaram uma visão positiva com relação à participação da população em idade mais avançada nas atividades econômicas. Segundo esses autores, as empresas podem aproveitar uma mão de obra mais velha por meio da implantação de programas de capacitação continuada, mudanças nas jornadas de trabalho, mesmo que isso resulte em menores salários, investimentos na saúde do trabalhador, e adaptação dos ambientes de trabalho com vistas a estimular a participação produtiva e continuada de trabalhadores mais velhos. Além disso, seria importante pensar em legislações específicas para esse fim, como a extinção da aposentadoria compulsória e a criação de incentivos para fazer com que as pessoas se aposentem depois da idade mínima requerida. Essas medidas visariam diminuir o impacto da redução da oferta de força de trabalho e o aumento dos gastos previdenciários.

Zwick e Göbel (2013) acreditam que a adoção de determinadas medidas como, por exemplo, a introdução de equipamentos que reduzam problemas de audição e de visão, bem como atribuições de trabalho adequadas para a idade, que fossem menos exigentes fisicamente, contribuiriam para prevenir o declínio da produtividade resultante da idade mais avançada. Outra sugestão apresentada por esses autores é a criação de equipes de intergeracionais, o que poderia ter um impacto positivo na produtividade dos trabalhadores de todas as idades, já que encontraram evidências de uma sinergia positiva entre os mais velhos e mais jovens. Eles ainda sugeriram que a adoção de medidas adequadas por parte dos empregadores ajudaria a explicar o fato de que a produtividade dos trabalhadores mais velhos não é, em média, inferior à dos mais jovens. Os indivíduos, também, poderiam responder positivamente aos incentivos recebidos para terem uma participação



**A introdução de equipamentos que reduzam problemas de audição e de visão, bem como atribuições de trabalho adequadas para a idade, contribuiriam para prevenir o declínio da produtividade resultante da idade mais avançada.**

**Artigo 1**

Homens idosos que não trabalham, não procuram trabalho e não são aposentados

maior nas atividades econômicas, o que lhes permitiria formar uma poupança para garantir os cuidados na velhice.

A baixa escolaridade da PEA idosa pode ser um entrave à sua permanência na atividade econômica, em virtude do tipo de ocupação exercida pelos menos escolarizados, que, em geral, exige mais força física. Como as novas coortes de trabalhadores idosos serão mais escolarizadas, é provável que isso acarrete uma permanência mais longa destes no mercado de trabalho e gere, também, um aumento de produtividade. Espera-se, além disso, que as novas coortes de idosos apresentem melhores condições de saúde e autonomia, o que facilitaria uma saída mais tardia.

Salientamos ainda que participar do mercado de trabalho tem outras implicações além das econômicas. Significa participação social, principalmente, para os homens. A saída precoce pode acarretar depressão, alcoolismo e até suicídio ou, ainda, resultar em outros tipos de incapacidade que demandariam outras políticas. ☹

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLOOM, D. et al. Population aging: facts, challenges, and responses. PGDA Working Paper n. 71, 2011.
- CAMARANO, A. A. (Org.) *Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?* Rio de Janeiro: Ipea, 2006.
- CAMARANO, A. A.; FERNANDES, D. O que estão fazendo os homens maduros que não trabalham, não procuram trabalho e não são aposentados? mimeo.
- \_\_\_\_\_. O que estão fazendo os homens maduros que não trabalham, não procuram trabalho e não são aposentados? *Mercado de Trabalho: Conjuntura e Análise*, p. 21-30, 2014.
- CAMARANO, A. A., KANSO, S., FERNANDES, D. *Envelhecimento populacional, perda da capacidade laborativa e políticas públicas brasileiras entre 1992 e 2011*. Rio de Janeiro: Ipea, 2013. (Texto para Discussão n. 1890.)
- \_\_\_\_\_. Menos jovens e mais idosos no mercado de trabalho? In: CAMARANO, A. A. (Org.) *Novo regime demográfico: uma nova relação entre população e desenvolvimento?* Rio de Janeiro: Ipea, 2014.
- CAMARANO, A. A., MELLO, J. L.; KANSO, S. Semelhanças e diferenças nas transições ao longo do ciclo da vida por regiões e cor/etnia. In: CAMARANO, A. A. (Org.) *Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?* Rio de Janeiro: Ipea, 2006.
- COSTA, J.; ULYSSEA, G. O fenômeno dos jovens nem-nem. In: CORSEUIL, C. H.; BOTELHO, R. U. (Org.) *Desafios à trajetória profissional dos jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Ipea, 2014.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico 1980 – microdados. 1982.
- \_\_\_\_\_. Censo Demográfico 2010 – microdados da amostra. Atualização disponibilizada pelo IBGE de 13 jul. 2013.
- \_\_\_\_\_. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD 1993 – microdados da amostra, 1994.
- \_\_\_\_\_. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD 2003 – microdados da amostra, 2004.
- \_\_\_\_\_. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD 2013 – microdados da amostra, 2014.
- MEDEIROS, M. *O levantamento de informações sobre as famílias nas PNADS de 1992 a 1999*. Rio de Janeiro: Ipea, 2002. (Texto para Discussão n. 860.)
- SOUZA JUNIOR, J. R. C., LEVY, P. M. Impactos do novo regime demográfico brasileiro sobre o crescimento econômico (2010-2050). In: CAMARANO, A. A. (Org.) *Novo regime demográfico: uma nova relação entre população e desenvolvimento?* Rio de Janeiro: Ipea, 2014.
- WALKER, A. A strategy for active ageing. Second world assembly on ageing. *International Social Security Review*, v. 55, n.1, 2002.
- ZWICK, T.; GÖBEL, C. Are personnel measures effective in increasing productivity of old workers? *Labour economics*, v. 22, p. 80-93, 2013.



## **Análise da massa corporal de participantes do Projeto Qualidade de Vida na Terceira Idade de um Centro Universitário do Interior do Paraná**

[Artigo 2, páginas de 26 a 37]



**João Paulo dos Passos Santos**

*Graduado em Educação Física (Unicesumar).*

*jopa\_passos@hotmail.com*

**Kátia Letícia Simões**

*Graduada em Educação Física (Unicesumar).*

*katialeticia-@hotmail.com*

**Daniel Vicentini de Oliveira**

*Graduado em Educação Física, fisioterapeuta, mestre em Promoção da Saúde e docente do curso de Educação Física da Faculdade Metropolitana de Maringá (Famma).*

*d.vicentini@hotmail.com*

**Terezinha Gomes Faria**

*Graduada em Educação Física, mestre em Educação Física (UFPR) e docente do curso de Educação Física do Centro Universitário de Maringá (Unicesumar).*

*terefaria@hotmail.com*



**RESUMO**

Este estudo teve como objetivo analisar o índice de massa corporal (IMC), massa magra e massa gorda de idosos participantes do projeto Qualidade de Vida na Terceira Idade do Centro Universitário Cesumar (Unicesumar) localizado na cidade de Maringá, Paraná. A amostra foi constituída de oito indivíduos, sendo um do sexo masculino e sete do feminino. Foram analisados, massa corporal, estatura, IMC e percentual de gordura. Para a análise dos dados inicialmente foi realizado o cálculo do Índice de Massa Corporal ( $IMC = \text{Peso (kg)} / \text{Altura (m)}^2$ ), classificado segundo os pontos de corte da Organização Mundial da Saúde (OMS). No percentual de gordura (% G) utilizou-se a classificação de Pollok e Wilmore. A média de idade dos participantes foi de 63,9 ( $\pm 5,19$ ) anos, a do peso 61,24 ( $\pm 9,02$ ) kg, a da estatura 157,37 ( $\pm 8,05$ ) cm, IMC 24,75 ( $\pm 3,61$ ) kg/m<sup>2</sup>, e a do somatório de dobras cutâneas 55,81 ( $\pm 8,85$ ) mm. Pode-se concluir que os valores encontram-se dentro dos parâmetros considerados normais, supondo que o trabalho realizado com os idosos tem trazido resultados positivos para essas variáveis. Indica-se alto nível de atividades físicas tanto aeróbicas quanto resistidas ao público idoso, tendo em vista que para aumento da massa magra o exercício resistido é o mais indicado.

**Palavras-chave:** exercício físico; idosos; promoção da saúde

**ABSTRACT**

*This study aimed to analyze the body mass index (BMI), lean mass and fat mass of individuals participating in the project Quality of life in old age Cesumar University Center (Unicesumar) located in the city of Maringá, state of Paraná. The sample consisted of eight individuals, one male and seven female. Body weight, height, BMI and body fat percentage were analyzed. Data analysis initially calculating the Body Mass Index ( $BMI = \text{weight (kg)} / \text{height (m)}^2$ ), rated was performed according to the cutoffs of the World Health Organization (WHO). At fat percentage (BF%) we used the classification of Pollok and Wilmore. Mean age of participants was 63.9 ( $\pm 5.19$ ) years, weight 61.24 ( $\pm 9.02$ ) kg, height 157.37 ( $\pm 8.05$ ) cm, BMI 24.75 ( $\pm 3.61$ ) kg / m<sup>2</sup>, and sum of skinfolds 55.81 ( $\pm 8.85$ ) mm. It can be concluded that the values are within normal parameters, assuming that the work with the elderly has brought positive results for these variables. Indica is high level of both aerobic as weathered the elderly public physical activities, considering that for increasing lean mass resistance exercise is the most suitable.*

**Keywords:** elderly; health promotion

## INTRODUÇÃO

O número de idosos no mundo, inclusive no Brasil, vem crescendo, resultando em mudanças na dinâmica demográfica. Nos últimos sessenta anos, houve um acréscimo de 15 milhões de idosos no País, que passou de 4% para 9% da população brasileira. Em 2025, acredita-se que haja um aumento de mais de 33 milhões, tornando o Brasil a sexta nação com maior população idosa do mundo (PARAHYBA; SIMÕES, 2006).

Segundo Nunes (2012) o envelhecimento vem sendo bastante discutido atualmente, devido ao percentual de idosos que aumenta ano pós ano. Esse fato pode ser explicado por uma série de fatores, como tratamentos médicos avançados, qualidade e estilo de vida, gênero, herança genética, e classe socioeconômica, que interferem na longevidade da população.

No processo de envelhecimento, ocorrem alterações na composição corporal, como aumento da adiposidade e diminuição da massa corporal magra, especialmente da massa esquelética. O tecido muscular esquelético diminui cerca de 40% entre 20 e 60 anos de idade (PIERINE ET AL., 2009).

A diminuição da massa muscular causa o declínio da força e, em consequência, a capacidade funcional do idoso. A sarcopenia é uma condição na qual consiste num quadro de mudanças na musculatura corporal decorrentes da idade (NUNES, 2012 apud FUNES; MAYOU, 2004), essa fragilidade, altamente prevalente em idosos, confere maior risco para quedas, fraturas, incapacidade e dependência para se locomover, hospitalização recorrente e mortalidade.

A sarcopenia, ou seja, a vulnerabilidade fisiológica relacionada à idade, é resultado da deterioração da homeostase biológica e da capacidade do organismo de se adaptar às novas situações de estresse (SILVA ET AL., 2006).

De acordo com Baptista e Vaz (2009) a sarcopenia afeta diretamente a arquitetura muscular, reduzindo a área de seção transversa anatómica (ASTA), o comprimento das fibras musculares, o volume e o ângulo de penação dos músculos, além de restringir a capacidade de produção de força específica, ou seja, a força produzida por unidade de massa muscular.

Segundo Silva et al. (2006) vários fatores contribuem para o desenvolvimento e progressão do quadro de sarcopenia, como: fibras musculares e inervações, estímulos anabólicos, metabolismo basal e nutrição, estímulos catabólicos e inatividade física. Como fatores terapêuticos se destacam, a reposição de esteroides anabólicos, suplementação ali-

**Artigo 2**

Análise da massa corporal de participantes do Projeto Qualidade de Vida na Terceira Idade de um Centro Universitário do Interior do Paraná

mentar e os exercícios físicos. Esse último é uma das intervenções mais eficientes para melhora da qualidade de vida do idoso, pois auxilia o controle das mudanças decorrentes do processo de envelhecimento.

De acordo com Nunes (2012) o exercício físico, quando feito regularmente e com o devido acompanhamento, melhora a coordenação, aumenta a força, diminui o perigo de quedas e gera bem-estar, proporcionando ao idoso mais independência pessoal.

Sendo assim, este estudo teve como objetivo analisar o IMC, a massa magra e a massa gorda de idosos participantes do projeto Qualidade de Vida na Terceira Idade de um Centro Universitário do interior do Paraná.

**1. MATERIAIS E MÉTODOS**

Foi realizado um estudo de campo do tipo descritivo, que tinha por característica, de acordo com Martins Júnior (2006), analisar e classificar propriedades em determinadas situações ou realidades.

A população foi constituída de idosos participantes do projeto de Qualidade de Vida na Terceira Idade do Centro Universitário de Maringá (Unicesumar). Fizeram parte da amostra oito pessoas, que estavam presentes na data da coleta dos dados, sendo uma do sexo masculino e sete do feminino.

Foram utilizados durante a coleta dos dados os seguintes materiais: uma balança digital da marca *Plena* com resolução de 100 g no modelo Glass, para podermos quantificar a massa corporal; uma trena antropométrica móvel da marca *Cardiomed* com 260 cm de extensão, para avaliarmos a estatura; e um adipômetro da marca *Cercorf* previamente calibrado.

A amostra participa do projeto citado nas dependências da instituição, com frequência de duas vezes por semana, realizando atividades que contribuam para melhorar a qualidade de vida dessa população. Dentre elas estão autorizadas avaliações físicas com orientação e supervisão da coordenadora do projeto.



**Este estudo teve como objetivo analisar o IMC, a massa magra e a massa gorda de idosos participantes do projeto Qualidade de Vida na Terceira Idade de um Centro Universitário do interior do Paraná.**

Para a medição da massa corporal, os idosos foram instruídos a utilizar roupas leves. O avaliador posicionava-se em pé, de frente para a escala de medida enquanto o avaliado, também em pé (posição ortostática), subia na plataforma, cuidadosamente, colocando um pé de cada vez e posicionando-se ao centro da mesma, com os ombros descontraídos e os braços soltos lateralmente (ALVAREZ; PAVAN, 2009).

A estatura foi aferida com o avaliador posicionado em pé do lado direito do avaliado, este devia encontrar-se em posição ortostática, pés descalços e unidos, procurando pôr em contato com instrumento de medida as superfícies posteriores do calcanhar, a cintura pélvica, a cintura escapular e a região occipital, com a cabeça orientada no plano de Frankfurt. O cursor realizando um ângulo de 90° em relação à escala, foi tocado no ponto mais alto da cabeça, ao final de uma inspiração, e só então realizou-se a leitura em metros (ALVAREZ; PAVAN, 2009).

Para as dobras cutâneas, como indicado por Alvarez e Pavan (2009), os sujeitos foram medidos diretamente na pele, pinçado-se sempre o lado direito do corpo, separando o tecido subcutâneo e marcando o devido local para a medida em valores de mm. Neste trabalho utilizamos a padronização de Guedes (1985) e aferimos as regiões da coxa, suprailíaca e subescapular nas mulheres e tricípital, suprailíaca e abdominal nos homens; por meio da soma das três dobras pudemos analisar os componentes da massa corporal.

Para análise dos dados, inicialmente foi realizado o cálculo do Índice de Massa Corporal ( $IMC = \text{Peso (kg)} / \text{Altura (m)}^2$ ), que foi classificado segundo os pontos de corte da OMS. (2004), como: baixo peso, eutrófico, sobrepesado e obesidade graus I, II e III.

Para o cálculo do percentual de gordura (% G) utilizou-se a classificação de Pollok e Wilmore (1993), indicando os avaliados como: Muito Ruim, Ruim, Abaixo da Média, Média, Acima da Média, Bom e Excelente.

Os dados foram analisados inicialmente por meio do software *Microsoft Excel 2007* e demonstrados através de tabelas e gráficos, utilizando a estatística descritiva simples, com frequência, percentual, média, desvio padrão e correlação de Pearson.



**Para análise dos dados, inicialmente foi realizado o cálculo do Índice de Massa Corporal, que foi classificado como: baixo peso, eutrófico, sobrepesado e obesidade graus I, II e III.**

## Artigo 2

Análise da massa corporal de participantes do Projeto Qualidade de Vida na Terceira Idade de um Centro Universitário do Interior do Paraná

## 2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A tabela 1 apresenta os valores médios de idade, peso, estatura, IMC, e o somatório de dobras cutâneas, sendo respectivamente 63,9 ( $\pm$  5,19) anos, 61,24 ( $\pm$  9,02) kg, 157,37 ( $\pm$  8,05) cm, IMC 24,75 ( $\pm$  3,61) kg/m<sup>2</sup> e 55,81 ( $\pm$  8,85) mm.

**Tabela 1**  
**Características dos idosos participantes do projeto**

	Média	S
Idade (anos)	63,9	5,19
Peso (kg)	61,24	9,02
Estatura (cm)	157,37	8,05
IMC (kg/m <sup>2</sup> )	24,75	3,61
$\Sigma$ DC (mm)	55,81	8,85

IMC = Índice de Massa Corporal; DC = Dobras Cutâneas; S = desvio padrão.

Santos e Schieri (2005) encontraram valores médios próximos ao deste estudo, quando avaliaram 699 idosos do Rio de Janeiro, RJ, com idades entre 60 a 80 anos, 166 cm de estatura média, 67,7 kg de massa corporal e 24,57 kg/m<sup>2</sup> de IMC. Os resultados demonstram que principalmente o IMC e o peso dos avaliados em nossa pesquisa no Paraná tinham médias menores que os indivíduos caracterizados acima.

A tabela 2 demonstra os valores médios de massa corporal magra (MCM) expressa em quilogramas e em valores percentuais e de massa corporal gorda (MCG) em quilogramas, respectivamente, para 46,42 kg, 75,84%, 14,81 kg e 24,15%.

**Tabela 2**  
**Características dos idosos participantes do projeto (massa corporal)**

	Média	S
MCM (kg)	46,42	6,81
MCM (%)	75,84	2,99
MCG (kg)	14,81	3,08
MCG (%)	24,15	3,00

MCM= Massa Corporal Magra; MCG= Massa Corporal Gorda.

Para se comparar os resultados da Tabela 2 foi encontrada uma pesquisa realizada por Bueno et al. (2008) com 62 idosos de Alfenas, MG, com idades variando entre 60 a 87 anos, 156,4 cm de estatura; 66,6 kg; 27,3 kg/m<sup>2</sup>; %G 33,7; e 66,3% de percentual de MCM.

É bem difícil encontrar valores em kg de massa corporal magra, por isso não se discutiu esses dados com outro estudo. Dentre os achados da pesquisa que discute o assunto pode-se visualizar que a massa corporal gorda era maior e a massa magra era menor que as dos idosos do Unicesumar. Esse achado é muito importante, pois ele demonstra que a composição corporal dos idosos de Maringá é melhor do que a dos idosos pesquisados em Alfenas.

O IMC é um indicador que para se avaliar a composição corporal é sempre necessário estar sendo relacionado a outras variáveis e sua possível relação com elas. Por isso foi realizado o teste de correlação de Pearson, para encontrar a média relação entre IMC e somatório das dobras cutâneas e IMC e MCG, no entanto IMC e MCG demonstraram forte afinidade (Tabela 3).

**Tabela 3**  
**Relação do IMC com indicadores de massa corporal**

	IMC (kg/m <sup>2</sup> )
Dobras Cutâneas (Mm)	0,54*
Massa Corporal Magra (Kg)	0,62*
Massa Corporal Gorda (Kg)	0,75*

IMC = Índice de massa corporal; \*Teste de correlação de Pearson.

O estudo de Bueno et al. (2008) também avaliou a correlações entre IMC e outras variáveis da composição corporal e, da mesma forma, foi encontrada uma forte correlação entre IMC e %G de 0,705.

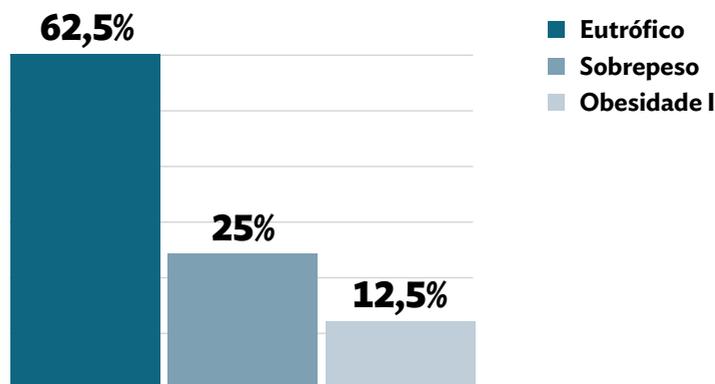
De acordo com Anjos (1992), é importante que os valores de IMC sejam correlacionados com outras medidas independentes da composição corporal tendo em vista que o IMC não reflete a distribuição regional de gordura ocorrida no processo de envelhecimento.

O Gráfico 1 mostra, por meio dos pontos de corte da OMS (2004), a classificação do IMC dos sujeitos analisados: 62,50% foram classificados eutróficos, 25% sobrepesados, e 12,50% obesos grau I.

**Artigo 2**

Análise da massa corporal de participantes do Projeto Qualidade de Vida na Terceira Idade de um Centro Universitário do Interior do Paraná

**Gráfico 1**  
**Classificação do IMC**



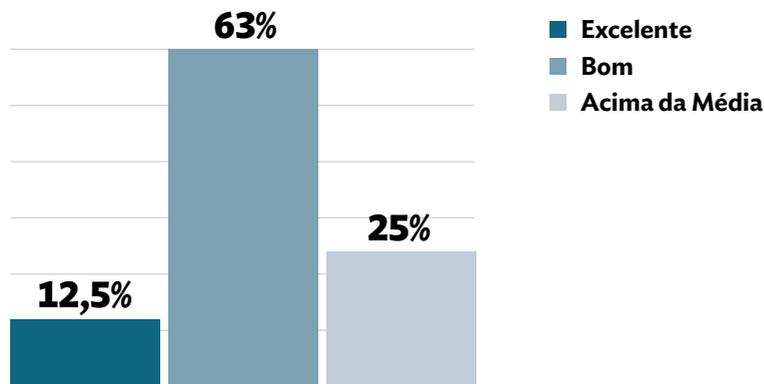
Várias análises científicas trazem classificações de idosos segundo seu IMC: Cruz et al. (2004), que avaliaram 196 idosos de Veranópolis, RS, encontraram 23,3% com obesidade; Tinoco et al. (2006), que estudaram 183 idosos de Viçosa, MG, encontraram 40,8% com sobrepeso e 15,1% com baixo peso; Bueno et al. (2008), 52,4% de sobrepeso, 28,0% de eutrofia e 19,5% de baixo peso pelo IMC. Esses três estudos apontaram idosos com baixo peso e números superiores para sobrepesados e obesos, achados que contribuem para o entendimento de que a distribuição geral de massa corporal dos idosos do projeto do Unicesumar está mais equilibrada do que a dos grupos citados.

O Gráfico 2 mostra a classificação dos pesquisados quanto a seu percentual de gordura: 12,50% com distribuição excelente; 62,50% com boa e 25% acima da média. Vale ressaltar que nenhum idoso estava com %G abaixo da média para riscos referentes à saúde.

No estudo realizado por Bueno et al. (2008) com idosos, já citado, os autores encontraram 66,2% com %G normal e 37,8% com %G alterado. Gubiani et al. (2001), ao analisarem 62 mulheres idosas praticantes de hidroginástica, constataram uma redução da gordura do tronco e dos membros, periférica e total.

Deve-se levar em consideração que os idosos do Unicesumar possuem, em sua maioria, um perfil socioeconômico considerável, bem como alto nível de escolaridade, eles sabem da importância da atividade física para suas vidas, por isso a praticam com assiduidade nos

**Gráfico 2**  
**Classificação do % de Gordura**



encontros do projeto, e são bem ativos durante suas atividades diárias. Diante disso, é compreensível termos encontrado valores tão positivos quanto à massa corporal do grupo que avaliamos neste estudo.

### **CONCLUSÃO**

A maioria dos idosos possui um IMC considerado adequado e um bom percentual de gordura. Nessa população, o IMC mostrou-se fortemente relacionado com MCG, o que nos faz supor que o trabalho realizado com ela tem trazido resultados positivos.

Sugere-se a utilização de exames mais elaborados, em amostras maiores, levando-se em consideração outros constituintes corporais para quantificar-se a massa corporal, mas não se deve esquecer de que isso tem um custo alto, pois o manuseio e o tratamento da população idosa devem ser realizados por especialistas.

Por fim, tendo-se em vista que o exercício resistido traz mais resultados para o aumento da massa magra, indica-se alto nível de atividades físicas tanto aeróbicas quanto resistidas para o público idoso. ☺

**Artigo 2**

Análise da massa corporal de participantes do Projeto Qualidade de Vida na Terceira Idade de um Centro Universitário do Interior do Paraná

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ANJOS, L. A. Índice de massa corporal (massa corporal. Estatura - 2) como indicador do estado nutricional de adultos: revisão da literatura. *Revista de Saúde Pública*, v. 26, n. 6, p.431-436, 1992.
- ALVAREZ, B. R.; PAVAN, A. L. Alturas e Comprimentos. In: PETROSKI, E. L. *Antropometria: técnicas e mensurações*. 2. ed. Santa Maria: Gráfica Editora Pallotti, 2003.
- BAPTISTA, R. R.; VAZ, M. A. Arquitetura muscular e envelhecimento: adaptação funcional e aspectos clínicos; revisão de literatura. *Fisioterapia e Pesquisa*, São Paulo, v. 16, n. 4, p.68-73, 2009.
- BESSA, L. B. R. S.; BARROS, N. V. *Impacto da sarcopenia na funcionalidade do idoso*. 2009. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, p. 6-18, 2009.
- BORGES, F.; NÓBREGA, O. T. A sarcopenia em idosos, seus determinantes e influência por hábitos de vida. *Ciência, Saúde e Envelhecimento*. Brasília, v. 10, n. 2, p. 49-61, 2007.
- CAMPOS, M. A. *Musculação: diabéticos, osteoporóticos, idosos, crianças, obesos*. Rio de Janeiro: Ed. Sprint, 2004.
- CRUZ, I. B. M. et al. Prevalência de obesidade em idosos longevos e sua associação com fatores de risco e morbidades cardiovasculares. *Revista da Associação Médica Brasileira*, v. 50, n. 2, p. 172-177, 2004.
- FLECK, S. J.; KRAEMER, W. J. *Fundamentos do Treinamento de Força Muscular*. Porto Alegre: Ed. Art Med, 1999.
- GUEDES, D.P. Estudo da gordura corporal através da mensuração dos valores de densidade corporal e da espessura de dobras cutâneas em universitários. *Kinesis*, v.1, n.2, p.183-212, 1985.
- GUBIANI, G. L. et al. Efeitos da hidroginástica sobre indicadores antropométricos de mulheres entre 60 e 80 anos de idade. *Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano*. v. 3, n. 1, p. 34-41, 2001
- IBGE. Censo Demográfico 2010. *Diminui a proporção de jovens e aumenta a de idosos*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 26 jun.. 2012.
- MARTINS JÚNIOR, J. *Como escrever trabalhos de conclusão de curso*. 6. ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2012.
- NIEMAN, D. C. *Exercício e Saúde: como se prevenir de doenças, usando o exercício como seu medicamento*. São Paulo: Ed. Manole, 1999.
- NUNES, J. M. *Olhar do educador físico sobre a importância do treinamento resistido para amenizar o processo da sarcopenia*. 2012. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul. Ijuí, 2012.
- PARAHYBA, M. I, SIMÕES, C. C. S. A prevalência de incapacidade funcional em idosos no Brasil. *Ciência Saúde Coletiva*, v. 11, n. 4, p. 67-74, 2006.
- PEREIRA, S. M. Treinamento hipertrófico, sarcopenia e climatério. *Revista Inovação Tecnológica*, v. 2, n. 2, p. 56-69, 2012.

- PIERINE, D.; NICOLA, N.; OLIVEIRA, E.P. Sarcopenia: alterações metabólicas e conseqüências no envelhecimento. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, v.17, n.3, p.96-103, 2009.
- SANTOS, D.M.; SICHIERI, R. Índice de massa corporal e indicadores antropométricos de adiposidade em idosos. *Revista de Saúde Pública*, v.39, n.2, p.163-168, 2005
- SILVA, T. A. A. et al. Sarcopenia associada ao envelhecimento: Aspectos etiológicos e opções de tratamento. *Revista Brasileira de Reumatologia*, v. 46, n. 6, p. 391-397, 2006.
- TINOCO, A. L. A. et al. Sobrepeso e obesidade medidos pelo índice de massa corporal (IMC), circunferência da cintura (CC) e relação cintura/quadril (RCQ), de idosos de um município da Zona da Mata Mineira. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, v. 9, n. 2, p. 63-73, 2006.

3

## Repercussões dos Grupos de Terceira Idade na vida dos idosos: a fala dos facilitadores do SESC / RS

[Artigo 3, páginas de 38 a 51]





**Eduardo Danilo Schmitz**

*Mestre em Envelhecimento Humano pelo Programa de Pós Graduação em Envelhecimento Humano (PPGEH) da Universidade de Passo Fundo (UPF).  
professor.eduardods@gmail.com*

**Marilene Rodrigues Portella**

*Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).  
portella@upf.br*

**Helenice de Moura Scortegagna**

*Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).  
helenice@upf.br*



**Artigo 3**

Repercussões dos Grupos de Terceira Idade na vida dos idosos: a fala dos facilitadores do SESC / RS

**RESUMO**

Os grupos de convivência tornaram-se uma alternativa para suprir a carência de políticas públicas adequadas para os idosos brasileiros. No Rio Grande do Sul, o Sesc possui 47 grupos de convivência de idosos, e cada um é conduzido por um facilitador. O objetivo deste estudo era identificar as repercussões no viver cotidiano dos idosos, reconhecidas pelos facilitadores como resultantes das atividades desenvolvidas por grupos de convivência. Utilizou-se a abordagem qualitativa e o método focal, e a coleta de dados foi feita em cinco sessões com grupos focais. Os resultados mostraram que os facilitadores reconhecem cinco tipos de repercussões decorrentes do trabalho de grupos na vida dos idosos: socialização dentro e fora do grupo, novas experiências, identificação social, autonomia e autoestima, além de saúde. Na perspectiva dos facilitadores, portanto, os GTIs constituem-se em estratégias que podem contribuir de maneira significativa para a qualidade de vida na velhice.

**Palavras-chave:** envelhecimento; velhice; grupos de terceira idade

**ABSTRACT**

*The coexistence groups have become an alternative to supply the lack of adequate public policies for the elderly Brazilians. In Rio Grande do Sul SESC has 45 groups of elderly community, and each is led by a facilitator. The aim of this study was identify the impact on the daily lives of the elderly, recognized by the facilitators as a result of activities undertaken by groups of coexistence. We used a qualitative approach and focus method, and data collection was done in five sessions with focus groups. The results showed that the facilitators recognize five types of impacts arising from the work of groups in the life of the elderly: socialization inside and outside the group, new experiences, social identity, autonomy and self-esteem, and health. Therefore, in view of the facilitators, the GTIs are in strategies that can contribute significantly to the quality of life in old age.*

**Keywords:** aging; old age; elderly groups;

## INTRODUÇÃO

De 1950 aos tempos hodiernos, a expectativa de vida subiu cerca de 30 anos, fato considerado como um dos maiores triunfos da humanidade. As previsões da Organização Mundial da Saúde (OMS) indicam que em 2025 o Brasil será o sexto país do mundo com o maior número de pessoas acima de 60 anos. No entanto, longevidade não é sinônimo de bem-estar. Para muitos idosos, especialmente em países em desenvolvimento como o Brasil, a realidade do envelhecimento humano é marcada pelo isolamento social, dificuldades econômicas e marginalidade (OMS, 2005).

Nesse sentido, a inserção de idosos em atividades sociais tem sido reconhecida como valiosa para a qualidade de vida no envelhecimento; uma das principais formas de organização atualmente são os grupos de convivência, denominados Grupos de Terceira Idade (GTIS). Os GTIS são formas de ações coletivas, que originam-se num cenário que apresenta várias crises sociais, para combater a exclusão social da velhice. Grupos tornam-se uma forma de aprendizagem que auxilia no enfrentamento das condições da velhice e, ao mesmo tempo, são espaços que abrem caminhos para inovar e transformar essa realidade (PORTELLA, 2004).

Diversos pesquisadores já investigaram as repercussões que os GTIS exercem na vida dos idosos, e seus estudos mostraram que esses espaços podem ser um valioso instrumento, capaz de dinamizar o cuidado a essas pessoas, melhorando a sua saúde, autonomia, prevenindo situações de depressão (SILVA; CUNHA; RIBEIRO, 2008; ALMEIDA ET AL., 2010; RIZZOLI; SURDI, 2010; BORBA; SILVA, 2010), e influenciando positivamente a autopercepção dos idosos em relação à sua própria qualidade de vida (MIRANDA; BANHATO, 2008).

Considerando os GTIS como relevantes espaços de sociabilidade e de promoção da saúde física, social e mental, e a partir das publicações que mostraram relatos de idosos expressando os benefícios dessas iniciativas sobre as suas vidas, buscou-se no presente estudo explorar as repercussões da participação dos idosos nos grupos, sob a perspectiva dos profissionais que trabalham nesses espaços, como forma de ampliar a abordagem da temática.

Para tanto, partiu-se da experiência do Sesc / RS, no qual os GTIS são desenvolvidos em 47 Unidades Operacionais (UOs). Os grupos integram o Programa Sesc Maturidade Ativa, e cada um deles é conduzido por um técnico denominado facilitador da Maturidade Ativa. Dentre as atribuições desses facilitadores estão o planejamento das atividades, a

**30 anos**

foi quanto aumentou  
a expectativa de vida  
desde o ano de 1950

**Artigo 3**

Repercussões dos Grupos de Terceira Idade na vida dos idosos: a fala dos facilitadores do SESC / RS

realização de reuniões com os idosos, o estabelecimento de parcerias para o desenvolvimento do trabalho, etc. Assim, vislumbrando a relevância do papel do profissional e sua vivência próxima dos GTIS, questiona-se: que repercussões no viver cotidiano dos idosos são reconhecidas pelos facilitadores como resultantes das atividades desenvolvidas nos GTIS? O objetivo deste estudo, portanto, era identificar as repercussões no viver cotidiano dos idosos, reconhecidas pelos facilitadores como resultantes das atividades desenvolvidas nos GTIS.

**1. DESENVOLVIMENTO****1.1 METODOLOGIA**

Este estudo de abordagem qualitativa utilizou o método focal como técnica de pesquisa e referencial metodológico. Nessa perspectiva o pesquisador reúne, em um local, pessoas que fazem parte do público-alvo de suas investigações, onde são coletadas diferentes visões acerca de um tema através do diálogo e do debate com e entre os participantes. Dessa forma, é possível identificar concepções compartilhadas pelas pessoas sobre determinada temática (GATTI, 2012; GOMES, 2005; NETO; MOREIRA; SUCENA, 2002).

Os grupos focais (GFs) foram realizados com a participação de 38 facilitadores da Maturidade Ativa do Sesc / RS e ocorreram cinco sessões, com duração aproximada de duas horas cada, em horários e locais planejados com as UOs do Sesc / RS, cada facilitador participou somente de um dos cinco encontros.

**1.2 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A partir do que emergiu na discussão dos GFs, pôde-se avaliar, pela semelhança das ideias, que os sujeitos participantes do estudo reconheceram cinco tipos de repercussões através das quais os GTIS influenciam a vida dos idosos, os quais são relatados a seguir. As expressões dos grupos focais estão identificadas da seguinte forma: EGO (EG = expressões do grupo focal; o = ordem do grupo).



**O objetivo deste estudo, portanto, era identificar as repercussões no viver cotidiano dos idosos, reconhecidas pelos facilitadores como resultantes das atividades desenvolvidas nos GTIS.**

### 1.3 GTIS PROMOVEM SOCIALIZAÇÃO DENTRO E FORA DO GRUPO

“A convivência deles é outra [...] se visitam, se conversam, não só ali no grupo, fora do grupo também.” (EG2)

“Se eles tivessem em casa talvez eles não teriam a oportunidade de re-encontrar essas pessoas ou até de ter uma amizade [...] se um fica duas, três semanas sem ir no grupo eles mesmo já ligam.” (EG5)

“Ali dentro do grupo elas criam vínculos de amizade.” (EG3)

“Graças ao grupo, e o pessoal que apoiou: vamos lá, vamos lá pra canastra [...] e agora ela achou outra parceira, é vida que segue; [...] dois anos que várias tiveram câncer. E as outras sempre ajudando e sempre conversando, e quando elas queriam cair na depressão elas ligavam [...] Então o grupo que não deixa elas ficarem pra baixo.” (EG1)

De acordo com a compreensão dos sujeitos, os GTIS se apresentam como espaços que oportunizam a socialização, o que influencia a vida dos idosos não apenas no âmbito interno, mas também fora dele, podendo inclusive representar um apoio em momentos difíceis da vida. As novas amizades, bem como os vínculos afetivos que se originam no ambiente propício para interação grupal, aparecem como possibilidades para o desenvolvimento de processos sociais e, conseqüentemente, para uma mudança de vida.

Essas percepções dos profissionais estão de acordo com outros autores, segundo os quais o estímulo ao convívio social é uma repercussão decorrente do trabalho de GTIS na vida dos idosos (PORTELLA, 2004; MOTTA, 2004; BORBA; SILVA, 2010; MEIRA ET AL., 2004; ALMEIDA ET AL., 2010).

Quanto à motivação dos idosos para participar de grupos, outras pesquisas também evidenciaram que a criação de vínculos de amizade constitui-se em elemento central (ARAUJO; COUTINHO; CARVALHO, 2005; SILVA; KINOSHITA, 2009; BULSING ET AL., 2007)

Ao observarem os encontros de grupos de idosos, Oliveira e Cabral (2003) notaram que, antes de iniciar as reuniões, as pessoas conversavam fora da sala sobre os mais variados assuntos, trocavam receitas culinárias e médicas, combinavam encontros fora dos grupos, falavam de danças que praticavam, de doenças e de viagens. Ou seja, muitas relações acabam extrapolando o ambiente do grupo, constituindo-se até mesmo em um apoio em momentos difíceis. Silva et al. (2009) observaram a modificação de situações de solidão enfrentadas pelos

**Artigo 3**

Repercussões dos Grupos de Terceira Idade na vida dos idosos: a fala dos facilitadores do SESC / RS

idosos antes da participação no grupo. Nesse sentido, pode-se dizer que é consenso entre muitos autores que os GTIS, na opinião dos idosos, mudam sua maneira de ser, influenciando sua vida social e seus relacionamentos (GRACIANI; SILVEIRA, 2009; RIZOLLI; SURDI, 2010; LEITE; CAPPELLARI; SONEGO, 2002).

Portanto, diante do que emergiu dos GFS no presente estudo, e considerando os estudos dos autores citados, pode-se inferir que os relacionamentos são o dispositivo de uma mudança social que vai repercutir positivamente na vida do idoso.

**1.4 OS GTIS PROMOVEM NOVAS EXPERIÊNCIAS**

“Agora na velhice que estão começando a viajar! Que até então nunca tinham viajado” (EG3)

“... eles viram que conseguiam fazer surfe!” (EG2)

“Elas eram tão retraídas [...] depois do primeiro, segundo, terceiro baile, segundo ano viram umas faceiras.” (EG3)

“Tem uma com 90 anos no teatro, decora os textos e faz com atenção...” (EG3)

Nas discussões dos GFS, também evidenciou-se que, para os participantes deste estudo, os GTIS promovem novas experiências, como, por exemplo, escutar outros estilos musicais, surfar, participar de teatro, viajar e ir a bailes. Esse fato é tratado como algo não tradicional, já que há poucas décadas atrás as imagens de velhice estavam mais ligadas à inatividade e ao repouso. Peixoto (2007) explica que a identidade da terceira idade foi caracterizada nas últimas décadas pela integração e busca de novas experiências, como forma de substituir as antigas formas de velhice, marcadas pelo isolamento e pelo ócio. Silva (2008) argumenta que, sob a roupagem da terceira idade, as tradicionais imagens de envelhecimento e velhice, como descanso e inatividade, são transformadas em uma identidade oposta, relacionada a novas aprendizagens, intensa atividade social e realizações pessoais.

Nesse sentido, Nascimento (2011) avaliou a participação de mulheres nos bailes como um grande passo em direção à emancipação. A partir de um estudo etnográfico a autora verificou que a dança, para o grupo de mulheres observado, permitiu a combinação de valores e a coexistência de identidades não excludentes.

A longevidade tem se apresentado como fenômeno responsável pela mudança cultural em que o imaginário social focava o isolamento e o recolhimento das pessoas mais velhas. A partir dessa compreensão D'Alencar e Veiga (2006, p. 74) apontam que os idosos brasileiros têm mostrado iniciativa em buscar novas formas de viver saudável e de utilizar o tempo livre, por sentirem-se estimulados a “retornar aos estudos, preencher o tempo com coisas que lhe tragam prazer, inclusive novos aprendizados, para manter a estima elevada e permanecer interagindo, ativo”.

#### 1.5 OS GTIS PROMOVEM UMA IDENTIFICAÇÃO SOCIAL

“No grupo todo mundo está vivendo a mesma fase da vida [...] eles têm os mesmos problemas [...] essas semelhanças ajudam eles a entender um pouco e a tentar resolver.” (EG2)

“Eles acabam reconhecendo uma realidade que eles não conheciam até então. Isso muda muito a visão deles de vida, e eles acabam vendo também que todo mundo tem problema, todo mundo tem dificuldade. E que as deles é só mais uma que eles têm que vencer.” (EG1)

Emergiu nas falas dos participantes o entendimento de que os GTIS promovem uma identificação social no idoso, a partir do momento em que este, inserido no grupo, percebe que outras pessoas vivenciam situações semelhantes às dele. Essa identificação entre os participantes torna-se uma condição de ajuda em diversas situações, como, por exemplo, enfrentar um problema, uma doença ou até mesmo uma simples troca de informações úteis e de interesse comum, o que torna o grupo um local de inclusão.

Esses achados corroboram os argumentos de outros autores, que sustentam que a partir da inserção nos grupos criam-se vínculos afetivos que permitem aos idosos partilharem preocupações e sentimentos (SILVA; KINOSHITA, 2009; ALMEIDA ET AL., 2010; PORTELLA, 2004). De acordo com Oliveira e Cabral (2003), dentre os benefícios da participação dos idosos nos grupos está a possibilidade de trocar experiências e informações pertinentes à fase que estão vivendo. Esses pesquisadores observaram, em seu estudo, que também há troca de experiências relacionadas às atividades e práticas fora dos grupos. Para Silva et al. (2009), nos grupos, os idosos se identificam nos (e com os) outros e vivenciam sonhos em comum, reduzem sentimentos como o medo e a insegurança, doam e recebem afeto e compartilham experiências.

**Artigo 3**

Repercussões dos Grupos de Terceira Idade na vida dos idosos: a fala dos facilitadores do SESC / RS

O envelhecimento é um processo vivenciado de múltiplas formas, por pessoas diferentes, contudo, de acordo com as expressões dos sujeitos da presente pesquisa, e também com os resultados de outros autores, o GTI como espaço social permite ao idoso identificar-se com pessoas que vivem situações semelhantes às suas

**1.6 OS GTIS PROMOVEM A AUTONOMIA E A AUTOESTIMA**

“Os grupos proporcionam para as pessoas acreditarem em si, acreditarem no seu potencial, ver possibilidades neles, sejam elas quais forem; [...] desperta eles de novo pra uma coisa que eles gostam, que eles sabem fazer. As senhorinhas estão se arrumando, estão se vestindo, estão se produzindo, elas estão em alta; [...] o poder: eu posso fazer isso, eu posso jogar câmbio, eu posso ir lá, eu posso viajar.” (EG2)

“Elas se orgulham muito do que elas fazem.” (EG3)

“É incentivar uma vida mais ativa pra que a pessoa se reencontre [...] fazendo o bem para outras pessoas [...] resgatar as pessoas que talvez se desconstruíram; a questão de se sentirem úteis [...] e o semblante delas se sentindo útil, se sentindo fazendo o bem [...] levando essa felicidade [...]. Elas ficaram bem satisfeitas.” (EG5)

“Um motivo pra estar vivo. Pode parecer forte isso, mas é real; e elas veem que apesar de terem a idade que têm conseguem modificar alguma coisa dentro da sociedade delas.” (EG3)

“As pessoas que participam do grupo elas conseguem ser bem mais alegres, felizes, se sentirem bem com elas mesmas do que ao contrário, do que se tivesse só em casa.” (EG4)

De acordo com as expressões dos GFS, os GTIS representam um espaço para o idoso resgatar a crença nos próprios potenciais, recuperar capacidades adormecidas e realizar atividades das quais sintam orgulho, contribuindo, dessa forma, para melhorar a sua autonomia e autoestima. De acordo com os relatos dos participantes deste estudo, nos GTIS os idosos são convidados a utilizar seus talentos em prol das necessidades da comunidade local, de maneira alinhada às suas preferências. O fato de sentir-se útil e ter a oportunidade de ser solidário pode trazer satisfação para o idoso, e redimensionar a perspectiva que este tem de seu próprio futuro (SILVA ET AL., 2009; LEITE; CAPPELLARI; SONEGO, 2002).

Corroborando esses resultados, alguns autores argumentam que a participação em grupos ajuda a melhorar a autoestima e a autonomia dos idosos (BORBA; SILVA, 2010; ALMEIDA ET AL., 2010; OLIVEIRA; CABRAL, 2003; SILVA ET AL., 2009; CORDEIRO, 2008; ARAUJO; COUTINHO; CARVALHO, 2005), o que contribui para que fiquem mais vaidosos e também para que acreditem mais em si mesmos (BULSING ET AL., 2007; SILVA; KINOSHITA, 2009).

No estudo de Rizzolli e Surdi (2010), os idosos relataram que o grupo ajudava a melhorar sua autonomia no desenvolvimento das funções diárias, com isso eles obtinham o reconhecimento e valorização tanto dos familiares como da sociedade em geral, o que contribuía para a melhoria da sua autoestima.

Face ao exposto, pode-se dizer que, na perspectiva de diversos autores e também de acordo com os sujeitos do presente estudo, a participação em um grupo pode significar o resgate de uma autoimagem mais positiva e a promoção de melhorias na autonomia do idoso.

#### 1.7 OS GTIS PROMOVEM A SAÚDE DO IDOSO

“... minha mãe teve uma depressão muito profunda, não saía de casa, às vezes não saía da cama [...] ela foi ao Sesc, conheceu o pessoal lá e começou a se enturmar [...] e aquilo pra ela foi uma mudança de vida total [...]. Então hoje ela participa da canastra, participa de várias atividades do Sesc, e é super ativa.” (EG1).

“... ajuda muito na parte geral da saúde do idoso; [...] no momento que tem a melhora psicológica, a parte física também começa. Pessoas que têm dificuldade no dia a dia para caminhar começam a praticar, começam a ganhar um controle maior de lateralidade, visão.” (EG1)

“Eles não têm tempo pra depressão; [...] hoje ela tem condições físicas, emocionais pra ir viajar sozinha; [...] como ela era antes, ela chorava era bem depressiva. Hoje ela viaja, às vezes os filhos não querem viajar, ela diz que vai, agora eu mereço.” (EG2)

“... chega a melhorar o ânimo deles [...] estão mais dispostos, mais alegres [...] a gente vê eles estão já mais pra cima [...] mais alegria de viver.” (EG2)

“Conhecimento de como funciona o intestino, como funciona o aparelho digestivo, circulatório [...] e isso pra eles mudou a vida. A questão

**Artigo 3**

Repercussões dos Grupos de Terceira Idade na vida dos idosos: a fala dos facilitadores do SESC / RS

de que tem que tomar o remédio certo [...] ter mais consciência [...] eles têm uma base, já foi explicado pra eles.” (EG2)

Os GFS relataram melhorias na saúde dos idosos, decorrentes do trabalho de GTIS, nos aspectos físico e psicológico. Em relação ao aspecto físico, falaram de casos em que idosos ficaram curados de doenças. Também citaram que a participação dos idosos nos grupos contribui para o aprimoramento de aptidões importantes para a realização de atividades cotidianas, como caminhar, viajar e dançar. Quanto ao aspecto psicológico, os GFS contaram histórias de idosos que saíram de situações de depressão, melhoraram suas condições emocionais e tornaram-se capazes de esquecer-se das doenças e situações ruins quando estavam nas atividades dos grupos.

Esses resultados corroboram os achados de diversos pesquisadores, segundo os quais o GTI repercute contribuindo para a melhoria da saúde do idoso (ALMEIDA ET AL., 2010; SILVA; KINOSHITA, 2009; PORTILLA, 2004; BORBA; SILVA, 2010; RIZZOLI; SURDI, 2010; SILVA ET AL., 2009).

Os relatos também trazem a importância do acesso a informações sobre saúde, por meio das quais os idosos são motivados a adotar hábitos que proporcionem um envelhecimento mais saudável (MEIRA ET AL., 2004; GRACIANI; SILVEIRA, 2009). Além disso, a saúde pode ser promovida através de melhoramento nas capacidades de realizar as atividades do dia a dia. Os idosos entrevistados por Leite, Cappellari e Sonego (2002) mencionaram que experimentaram mudanças em sua saúde física e mental, e manifestaram que em função das atividades manuais ocorreu melhora na habilidade motora, tendo reflexo positivo na execução de atividades da vida diária. Diante dessas referências e dos relatos dos participantes da presente pesquisa, infere-se que o GTI pode repercutir de modo significativo na saúde do idoso.

**2. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao realizar este estudo pudemos identificar, a partir das ideias compartilhadas nos GFS, as contribuições reconhecidas pelos Facilitadores da Maturidade Ativa como decorrentes do trabalho de GTIS. Esses profissionais apontaram cinco tipos de repercussões proporcionados pelos GTIS para a vida dos idosos. Ao categorizar esses significados por meio do critério de similaridade das ideias dos grupos focais, pode-se perceber que outros autores encontraram, na voz dos idosos, repercussões semelhantes que apontam que os grupos podem ser alternativas interessantes para a promoção da qualidade de vida de idosos.

Diante de tais resultados, torna-se importante tecer duas ponderações críticas e reflexivas. Primeiro, cabe registrar que os grupos de terceira idade, a despeito de suas repercussões, não devem ser vistos como o único caminho capaz de tornar mais feliz a vida dessa população. A heterogeneidade é uma marca da velhice brasileira, e para diferentes idosos é necessário pensar em diferentes estratégias para a promoção de experiências positivas na velhice. Nesse sentido, há de se respeitar o relevante trabalho realizado por grupos de terceira idade, sem deixar de considerar o valor de opções diferentes escolhidas por outros idosos.

Segundo, deve-se levar em conta, também, que os óculos que regulam a forma como enxergamos o processo de envelhecimento é influenciada por valores da cultura contemporânea, que incentiva um envelhecimento ativo com o intuito de promover o consumo. Dessa forma, deve-se ter cautela em relação às motivações que estão por trás do discurso que quer promover uma velhice ativa. É fato que a adoção de hábitos saudáveis e o lazer são fundamentais em qualquer fase da vida, mas é importante que ajudemos os idosos a desenvolverem um censo crítico sobre discursos prescritivos que associam a velhice feliz ao mero, superficial e alienado consumismo, e respeitemos a capacidade e o direito de escolha esclarecido de cada indivíduo. Além disso, também é importante lembrar que o estilo de vida adotado pelos idosos não são resultantes somente de suas escolhas mas também do contexto político, econômico e social que influencia suas condições de vida.

Assim, fica evidente que os GTIs constituem-se estratégias que podem contribuir de maneira significativa para trilharmos um caminho que nos leve a uma velhice mais digna, através da qual os significados de humanidade não se limitem à cronologia, contudo, não se pode esquecer a importância de estimular uma reflexão crítica a respeito dos valores, da cultura e dos discursos prescritivos acerca da velhice. Considerando a atual realidade, na qual assistimos a uma transição demográfica acelerada, torna-se necessário atentar as alternativas que podem auxiliar a promoção da qualidade de vida durante o envelhecimento. Dessa forma, entender os mecanismos por meio dos quais os GTIs repercutem na vida dos idosos pode auxiliar no planejamento de políticas públicas, tão necessárias atualmente.

Tendo em vista a relevância desse tema, recomenda-se que sejam realizados outros estudos, que busquem identificar as repercussões reconhecidas por profissionais como decorrentes do trabalho de GTIs, e ampliem as reflexões acerca da temática. ☺



**PARA LER SOBRE**  
**Velhice ou Terceira**  
**Idade?**

**Autor:** Myriam Moraes  
Lins de Barros (Org.)  
**Editora:** FGV

**Artigo 3**

Repercussões dos Grupos de Terceira Idade na vida dos idosos: a fala dos facilitadores do SESC / RS

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ALMEIDA, E. A. et al. Comparação da qualidade de vida entre idosos que participam e idosos que não participam de grupos de convivência na cidade de Itabira-MG. *Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 435-443, 2010. Disponível em: [http://revista.unati.uerj.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1809-98232010000300010&lng=pt&nrm=iso](http://revista.unati.uerj.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1809-98232010000300010&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 10 nov. 2012.
- ARAÚJO, L. F.; COUTINHO, M. P. L.; CARVALHO, V. A. M. L. Representações sociais da velhice entre idosos que participam de grupos de convivência. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 25, n. 1, p. 118-131, 2005. Disponível em: [http://cac.php.unioeste.br/extensao/unati/arqs/UNATI\\_16.pdf](http://cac.php.unioeste.br/extensao/unati/arqs/UNATI_16.pdf). Acesso em: 10 mar. 2013.
- BORBA, C. P.; SILVA, L. A. S. M. Grupo de terceira idade nova vida do Sesc: influência para o envelhecimento bem-sucedido. s/d. Disponível em: <http://189.75.118.67/CBCENF/sistemainscricoes/arquivosTrabalhos/Grupo%20de%20Terceira%20Idade%20Nova%20Vida%20do%20SESC.pdf>. Acesso em: 20 out. 2012.
- BULSING, F. L. et al. A influência dos grupos de convivência sobre a auto-estima das mulheres idosas do município de Santa Cruz do Sul – RS. *RBCEH*, Passo Fundo, v. 4, n. 1, p. 11-17, jan./jun. 2007.
- CORDEIRO, D. S. A. Lugares de velhos pobres em grupos de convivência no nordeste brasileiro. In: VI Congresso Português de Sociologia, Mundos Sociais: Saberes e Práticas, Lisboa, 2008. Disponível em: <http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/764.pdf>. Acesso em: 5 mar. 2013.
- D'ALENCAR, R. S.; VEIGA, R. S. O(s) idoso(s) em movimento e sua participação no turismo de Porto Seguro/BA. *RBCEH*, Passo Fundo, p. 72-84, 2006.
- GATTI, B. A. *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas*. Brasília: Liber Livro Editora, 2012.
- GOMES, S. R. Grupo Focal: uma alternativa em construção para a pesquisa educacional. *Cadernos de pós-graduação*. São Paulo, v. 4, Educação, p. 39-45, 2005.
- GRACIANI, J. S.; SILVEIRA, N. D. R. Envelhecimento compartilhado: participação de idosos no grupo de convivência da comunidade nova pantanal. In: III Congresso Ibero-americano de Psicogerontologia, São Paulo, 2009. Disponível em: [http://www.geracoes.org.br/arquivos\\_dados/foto\\_alta/arquivo\\_1\\_id-112.pdf](http://www.geracoes.org.br/arquivos_dados/foto_alta/arquivo_1_id-112.pdf). Acesso em: 3 jan. 2013.
- LEITE, M. T.; CAPPELLARI, V. T.; SONEGO, J. Mudou, mudou tudo na minha vida: experiências de idosos em grupos de convivência no município de Ijuí/RS. *Revista Eletrônica de Enfermagem* [online], Goiânia, v. 4, n. 1, p. 18-25, 2002. Disponível em: <http://www.fen.ufg.br>. Acesso em 15 nov. 2012. Acesso em: 7 mar. 2013.
- MEIRA, E. C. et al. Conhecendo e intervindo junto ao idoso participante dos grupos de convivência para a terceira idade. In: Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, Belo Horizonte, 2004. Disponível em: <https://www.ufmg.br/congrext/Saude/Saude58.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2013.
- MIRANDA, L. C.; BANHATO, E. F. C. Qualidade de vida na terceira idade: a influência da participação em grupos. *Psicologia em Pesquisa*, Juiz de Fora, v. 2, n. 1, p. 69-80, 2008.
- MOTTA, A. B. Sociabilidades possíveis: idosos e tempo geracional. In: PEIXOTO, C. E. (Org.). *Família e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora FGV, p. 109-144, 2004.

- NASCIMENTO, F. D. S. Velhice feminina: Emoção na dança e coerção do papel de avó. *RBSE*, João Pessoa, v. 10, n. 30, p. 457-505, 2011. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html>. Acesso em: 2 fev. 2013.
- NETO, O. C.; MOREIRA, M. R.; SUCENA, L. F. M. Grupos Focais e Pesquisa Social Qualitativa: o debate orientado como técnica de investigação. Trabalho apresentado no XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, Ouro Preto (MG), 2002. Disponível em: [http://unisc.br/portal/upload/com\\_arquivo/grupos\\_focais\\_e\\_pesquisa\\_social\\_qualitativa.pdf](http://unisc.br/portal/upload/com_arquivo/grupos_focais_e_pesquisa_social_qualitativa.pdf). Acesso em: 18 nov. 2012.
- OLIVEIRA, M. G.; CABRAL, B. E. S. L. O lazer nos grupos de convivência para idosos: prática renovada de sociabilidade. In: VII Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e IV Encontro Americano de Pós-Graduação, 2003. Disponível em: [http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC\\_2004/trabalhos/epg/pdf/EPG7-7certo.pdf](http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2004/trabalhos/epg/pdf/EPG7-7certo.pdf). Acesso em: jul. 2012.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Envelhecimento Ativo: uma política de saúde. Brasília: Organização Pan-Americana de Saúde, 2005.
- PEIXOTO, C. E. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade... In: BARROS, M. M. L. (Org.). *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.
- PORTELLA, M. R. *Grupos de terceira idade: a construção da utopia do envelhecer saudável*. Passo Fundo: UPF Editora, 2004.
- RIZZOLLI, D.; SURDI, A. C. Percepção dos idosos sobre grupos de terceira idade. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 225-233, 2010.
- SILVA, L. R. F. Terceira idade: nova identidade, reinvenção da velhice ou experiência geracional? *Physis Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 4, p. 801-815, 2008. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312008000400011>. Acesso em: 11 mar. 2013.
- SILVA, A. O. et al. Envelhecimento em grupos de convivência: uma experiência no SESC Unidade Açude Velho / Campina Grande / Paraíba. In: XIII Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e IX Encontro Latino Americano de Pós-Graduação, São José dos Campos, 2009. Disponível em: [http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC\\_2009/anais/arquivos/0616\\_1035\\_01.pdf](http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2009/anais/arquivos/0616_1035_01.pdf). Acesso em: 15 jan. 2013.
- SILVA, A. R.; CUNHA, J. J.; RIBEIRO, J. P. Grupo de convivência de idosos: valorizando as potencialidades do idoso. In: XVII Congresso de iniciação científica e X Encontro de Pós-Graduação, Pelotas, 2008. Disponível em: [http://www.unifil.br/portal/arquivos/publicacoes/paginas/2012/4/469\\_677\\_publicpg.pdf](http://www.unifil.br/portal/arquivos/publicacoes/paginas/2012/4/469_677_publicpg.pdf). Acesso em: mai. 2012.
- SILVA, M. I.; KINOSHITA, F. A participação dos idosos nos grupos de convivência como uma possibilidade de um envelhecimento saudável. *Extensio: Revista Eletrônica de Extensão*. v. 6, n. 7, jul. 2009. Disponível em: <http://journal.ufsc.br/index.php/extensio/article/view/10942/10437>. Acesso em: 25 out. 2012.
- VÉLEZ, M. D. C. C. Mitos y estereotipos sobre la vejez. Propuesta de una concepción realista y tolerante. Ensayos. *Revista de la Facultad de Educación de Albacete*, n. 24, p. 87-96, 2009. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3282988>. Acesso em: 6 mar. 2013.

4

## O silêncio que oculta: violência contra a pessoa idosa

[Artigo 4, páginas de 52 a 71]





**Sandra Carla Sarde  
Mirabelli**

*Assistente da Gerência de Estudos e Programas da Terceira Idade do Sesc SP, Assistente Social pós-graduada em Gestão de Políticas Públicas e do Terceiro Setor e mestranda em Gerontologia pela PUC-SP.*

*sandracarla@sescsp.org.br*

**Flamínia Manzano  
Moreira Lodovici**

*Doutora em Linguística, pelo IEL/Unicamp. Docente/Assistente-Doutor do Departamento de Linguística/FAFICLA/PUC-SP e Professora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia.*

*flalodo@terra.com.br*

**Nadia Dumara Ruiz  
Silveira**

*Doutora em Ciências Sociais pela USP-SP. Professora titular do Departamento de Fundamentos da Educação - Faculdade de Educação e do Programa de Estudos Pós Graduados em Gerontologia e Educação: Currículo.*

*ndrs@pucsp.br*

**Maria Helena Villas  
Bôas Concione**

*Doutora em Antropologia, pela PUC-SP. Professora Titular do Departamento de Antropologia da PUC-SP e Professora, Pesquisadora e Orientadora nos Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais e em Gerontologia da PUC-SP.*

*mhconcione@yahoo.com.br*

**Suzana Carielo da  
Fonseca**

*Doutora em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem pela PUC-SP, Docente/Assistente Doutor da PUC-SP, Coordenadora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da PUC-SP, professora pelo departamento de Lingüística no Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia.*

*scfonseca@pucsp.br*



**RESUMO**

A violência contra o outro constitui um problema sério e renitente, exigindo a realização de estudos que permitam a compreensão do fenômeno na sua complexidade e possibilitem agendas propositivas para enfrentar a diversidade de suas manifestações. O presente artigo apresenta reflexões a respeito dos conceitos envolvidos na problemática, acompanhadas de uma caracterização das modalidades de violência contra pessoas idosas, visando discutir as múltiplas dimensões do problema, considerando a base teórico-conceitual da Gerontologia, por meio de revisão bibliográfica, propiciadora do diálogo interdisciplinar com diferentes áreas do conhecimento. As discussões assumem um caráter inquietador ao fazer reverberar o quanto, nesta época dominada pelo narcisismo, as pessoas idosas estão ainda mais sujeitas ao fenômeno da violência. Observa-se que, além dos reiterados maus-tratos familiares, insultos e agressões físicas em instituições públicas e privadas, agudiza-se a problemática em decorrência de políticas socioeconômicas reforçadoras das desigualdades existentes na sociedade. Torna-se necessário que os fatores pertinentes à essa problemática sejam desvelados e continuamente debatidos inclusive em âmbito educacional, entendida a violência como um problema central da sociedade contemporânea a ser enfrentado por todos os indivíduos no exercício efetivo da sua cidadania.

**Palavras-chave:** violência; pessoas idosas; violação de direitos; políticas públicas

**ABSTRACT**

*Violence against each other is a serious and stubborn problem, requiring the completion of studies to a more realistic understanding of the phenomenon and enable purposeful agendas to address the diversity of its manifestations. This article focuses on the concepts involved in the problem, together with a characterization of the types of violence against older people, in order to discuss the extent of the problem, oriented especially concerning aspects of gerontology, brought through literature review where interdisciplinary dialogue here perpetrators of multiple areas. Reflection as a means of knowledge that becomes disturbing, however, to make reverberate how, in this age dominated by narcissism, the elderly are even more subject to the specter of violence: in addition to family maltreatment repeated, insults and physical attacks on public institutions and private, the problem worsens, due to socioeconomic policies reinforcing existing inequalities in society. It is necessary that such complicating the issue are unveiled and discussed continuously including educational level, understood that violence is a real problem in our society to be faced by every citizen.*

**Keywords:** violence; elderly; violation of rights; public politics

“Desconfiai do mais trivial,  
na aparência singela.  
E examinai, sobretudo, o que parece habitual.  
Suplicamos expressamente:  
não aceiteis o que é de hábito como coisa natural,  
pois em tempo de desordem sangrenta,  
de confusão organizada, de arbitrariedade consciente,  
de humanidade desumanizada,  
nada deve parecer natural  
nada deve parecer impossível de mudar.”  
(BERTOLT BRECHT, 1898-1956)

#### AS FACES DA VIOLÊNCIA CONTRA IDOSOS

A epígrafe acima em versos brechtianos antes que fortuita mostra-se de extrema atualidade em sua alusão a acontecimentos sérios demais para se deixarem capturar sob o véu do silêncio. Silêncio que, apesar de sintomas emergentes, oculta fatos da vida humana de constatação inquietante, não apenas pela condição naturalizada de violência e miséria *all-pervading*<sup>1</sup> no mundo, mas de uma condição humana que discrimina e hostiliza segmentos sociais como o das pessoas idosas.

A discussão da temática em questão traz, de início, algumas provocações, e assim é que o conceito começa a precisar-se em nossas reflexões, podendo gerar conteúdos novos, interrogações a serem consideradas como: O que é, de fato, violência? Com que expressões verbais ou gestuais, processos ou formas diversas, ela se faz manifestar contra a pessoa idosa? Como entendê-la na sua consistência e estabilidade, e não apenas nos seus efeitos revestidos de opacidade e impalpabilidade?

A violência é frequentemente associada à alta intensidade, sendo termo advindo do latim *violentia*, no sentido de “veemência, impetuosidade”, com sua origem também ligada à ideia de “violação” (*violare*), profanação e transgressão.

Algumas instituições configuram a violência em termos fortemente negativos e em contextos específicos. Segundo a Rede Internacional de Prevenção à Violência contra a Pessoa Idosa (*International Network for the Prevention of Elder Abuse*, Inpea), “o mau-trato ao idoso é um ato (único ou repetido), ou omissão, que lhe cause dano ou aflição, que se

<sup>1</sup> Expressão calviniana que *mutatis mutandis* cabe propriamente nesta situação, no sentido daquilo “que tudo permeia, ou é pervasivo a tudo” Calvino, I. (1990). Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas, p.19. São Paulo: Cia das Letras.

#### Artigo 4

O silêncio que oculta: violência contra a pessoa idosa

produz em qualquer relação na qual exista expectativa de confiança”. A Organização Mundial de Saúde (OMS) define a violência inclusa na expressão Violência contra a Pessoa Idosa (VCPPI):

São ações ou omissões cometidas uma ou mais vezes, prejudicando a integridade física e emocional da pessoa idosa, impedindo o desempenho de seu papel social. A violência acontece como uma quebra de expectativa positiva por parte das pessoas que a cercam, sobretudo dos filhos, dos cônjuges, dos parentes, dos cuidadores, da comunidade e da sociedade em geral.

Em similar direção, o Estatuto do Idoso declara: “Violência contra o idoso é qualquer ação ou omissão, praticada em local público ou privado, que lhe cause morte, dano ou sofrimento físico ou psicológico” (Estatuto do Idoso, cap. IV, art. 19, § 1).

Na tentativa de circunscrever as situações de violência contra a pessoa idosa, é preciso pensar nas diversas e contumazes formas de sua incidência, sendo as principais: a *estrutural*, ou seja, aquela ligada à questão social – a velhice pobre, desprotegida e abandonada; a *institucional*, ou *familiar*, evidenciada na negligência, desatenção e maus-tratos; a *estatal*, traduzindo o descumprimento das leis e a ausência de políticas e ações que favoreçam os mais velhos.

Em vários países, a temática passou a ser mais discutida nas últimas décadas, com o reconhecimento do Dia Mundial de Conscientização da Violência contra a Pessoa Idosa (*World Elder Abuse Awareness Day, WEADD*), oficialmente instituído em 15 de junho de 2006, pela Organização das Nações Unidas (ONU), em parceria com a *Inpea*. Em âmbito internacional, governos, organizações não governamentais, instituições educacionais, grupos religiosos, profissionais das mais diversas áreas do conhecimento, o próprio segmento idoso, e demais interessados pela causa, solenizam essa data com a realização de eventos que objetivam sensibilizar e mobilizar a sociedade para o enfrentamento das variadas e insuspeitas, no mais das vezes, formas de violência contra a pessoa idosa.

Dessa forma, ratifica-se a premissa de que a violência é real violação dos direitos humanos, com afetação à saúde de milhões de pessoas idosas, não podendo mais ser aceita como fenômeno normal ou natural, mas como um peso social insustentável a receber a desaprovação de toda a comunidade mundial.

Em 2013, em Seul, Coreia do Sul, foi realizado o 20º Congresso Mundial da Associação Internacional de Geriatria e Gerontologia cujo tema

principal foi o chamado *Stopping Elder Abuse: a Global Priority*, tendo como foco novas pesquisas, políticas, práticas e metodologias, objetivando direcioná-las em todo mundo para o fim da violência contra a pessoa idosa.

#### **FUNDAMENTOS LEGAIS**

No Brasil, a Constituição Federal de 1988 preconiza a proteção do idoso no Capítulo II – Da Seguridade Social, Seção III – Da Previdência Social (art. 201, inciso I) e Seção IV – Da Assistência Social (art. 203, inciso I), e no Capítulo VII – Da Família, da Criança, do Adolescente e do Idoso, abrangendo as deliberações contidas nos artigos 226 a 230), em especial o tratamento dado nos artigos 229 e 230.

Apesar do amparo legal consolidado por meio de leis federais que asseguram direitos (Leis 8.842/94 da Política Nacional do Idoso, e 10.741/2003 do Estatuto do Idoso), na prática, porém, observamos seu descumprimento, dada a constatação de situações de violência, maus-tratos, desrespeito, abandono e negligência aos mais idosos, valendo aqui insistir sobre as diferentes situações de violação aos direitos da pessoa idosa.

Cabe destacar que a Lei 8.842/94, ao dispor sobre a Política Nacional do Idoso, criou o Conselho Nacional do Idoso. No tocante à violência contra a pessoa idosa, a normativa dispõe de competências e atribuições, no art. 10º, ligadas à garantia de direitos, além de especificar medidas voltadas a esse fim:

Na implementação da Política Nacional do Idoso, são competências dos órgãos e entidades públicos:

VI - na área de Justiça:

- a) promover e defender os direitos da pessoa idosa;
- b) zelar pela aplicação das normas sobre o idoso determinando ações para evitar abusos e lesões a seus direitos.

A referida Lei teve vetado um dos capítulos, o V (arts. 11-18), que tratava do Conselho Nacional do Idoso, por ser, um organismo de tal natureza, de criação exclusiva do presidente da República. Com base na fundamentação do veto, foi editado o Decreto no 5.190, de 17 de junho de 2004, que dispôs sobre a composição, estruturação, competências e funcionamento do Conselho Nacional dos Direitos dos Idosos (CNDI), dentre outras providências.

**Artigo 4**

O silêncio que oculta: violência contra a pessoa idosa

Em 1º de outubro de 2003 foi editada a Lei no 10.741, que instituiu o Estatuto do Idoso, no qual aparecem vários dispositivos programáticos de conteúdo mais efetivo em relação à prevenção e repressão à violência e abusos contra as pessoas idosas, do qual se ressaltam os artigos 2º ao 7º.

Ainda que se instituem leis que assegurem os direitos da pessoa idosa, a violência na complexidade e impalpabilidade de suas manifestações continua presente e necessita, à luz do que precede, ser triplamente examinada conforme é recomendado, na literatura gerontológica, sob parâmetros sociodemográficos, socioantropológicos e epidemiológicos.

**ASPECTOS SOCIODEMOGRÁFICOS, SOCIOANTROPOLÓGICOS E EPIDEMIOLÓGICOS**

Entendidos na sua especificidade (MINAYO, 2003), os aspectos sociodemográficos esclarecem o que o crescimento populacional significa tanto em termos de conquista como de desafios para que a população acima de 60 anos continue incluída (e não seja excluída) do desenvolvimento nacional. Os aspectos socioantropológicos mostram a diversidade de situação desse vasto grupo de mais de 24.800.000 pessoas, sendo 13.840.000 mulheres e 11.010.000 homens, segundo a contagem da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio (PNAD/2012, publicada em 2013), assim como os preconceitos que prejudicam o envelhecimento positivo e saudável de brasileiros e brasileiras; por fim, os aspectos socioepidemiológicos que evidenciam tanto os problemas de saúde, dependência e autonomia, como a dimensão da morbimortalidade por violência nesse grupo populacional e as formas visíveis e invisíveis que insidiosamente corrompem sua confiança e força.

Assim, diante do acelerado crescimento da população idosa em quase todos os países do mundo, urge refletir sobre as formas de visibilidade social desse segmento e sua demanda quanto à exigência de novas proposições para o enfrentamento da violência, especialmente a despercebida em ambientes privados ou públicos nos quais vivem e convivem pessoas que se situam na fase da velhice.

A edição de 18 de dezembro de 2013, da *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, intitulada: “Envelhecimento: bônus demográfico e desafio para o setor saúde”, inicia com um instigante editorial da demógrafa Ana Amélia Camarano, que trata do veloz e acelerado crescimento da população idosa e seu significado para o País. Retomando que o Brasil conta,

**24,8 mi**

é a estimativa de pessoas com mais de 60 anos, segundo o PNAD

**13,8 mi**

são mulheres

**11 mi**

são homens



## **Salienta-se o quanto se exige uma corajosa agenda político-social para o enfrentamento da diversidade de formas de violência à pessoa idosa, a qual precisa reforçar as normativas legais e os indicadores das responsabilidades da sociedade civil nesse âmbito.**

hoje, com um total de mais 24.800.000 de idosos (PNAD/2012), o grupo que mais cresce dentre todas as faixas etárias, considerando-se ainda que pessoas com mais de 65 anos representarão, em 2060, mais de um quarto dos brasileiros (IBGE, 2013), com a participação relativa desse grupo correspondendo a 13,8% em 2020, passando para 33,7% em 2060, não há como ignorar a relação entre esses dados com a concretude do fenômeno perverso da violência, conforme apontam Paz et al. (2012):

No entanto, apesar dessa veloz mudança, a maioria dos velhos está na faixa de 60 a 69 anos (a faixa onde a vitimização por violência, incide mais frequentemente), constituindo-se em menos de 10% da população total. Assim sendo, a população idosa tão significativa em nosso país, a violência contra os idosos, e os problemas que lhes dizem respeito, não podem passar despercebidos no país (p. 59-60).

Ainda, com apoio desses autores, salienta-se o quanto se exige uma corajosa agenda político-social para o enfrentamento da diversidade de formas de violência à pessoa idosa, a qual precisa reforçar as normativas legais e os indicadores das responsabilidades da sociedade civil nesse âmbito:

Neste momento histórico, a quantidade crescente de idosos oferece um clima de publicização das informações produzidas sobre eles, tornando-os um tema obrigatório da pauta de questões sociais, e é aí que ganham relevância os programas governamentais de captação de denúncias e a ouvidoria, destacando-se o advento do Estatuto do Idoso (p. 60).

A velhice, para ter o reconhecimento de sua heterogeneidade e especificidade, deve ser dita, em termos antropológicos, como compondo o ciclo de vida humana, quando faz sua diferença, como o fez cada etapa que a antecede. Para quem tem o privilégio de atingi-la – a der-

#### **Artigo 4**

O silêncio que oculta: violência contra a pessoa idosa

radeira estação antes da passagem pela morte –, não deixa de estar situado na condição de velho que, ainda em vínculo ao mundo em que vive, tem uma dupla dependência: de um lado, das cristalizadas injunções culturais sobre a velhice e, de outro, das determinações biológicas que o constroem.

É preciso enfrentar, ainda em nossos dias, o desinteresse político e social a respeito do velho, quando a maior parte das culturas tende a segregá-lo e a desejar, real ou simbolicamente, sua morte. Ser velho nas sociedades capitalistas, na maior parte das vezes, é condição que está associada à obsolescência, o que também traduz uma situação de violência social: esse é o dispositivo histórico atestado pela literatura da área. (PINSK, 2011).

No caso brasileiro, a violência contra essa parcela populacional se expressa, por exemplo, por meio de preconceitos que acarretam formas diversas de discriminação, como bem o destaca Minayo (2011):

O velho como um ser descartável é uma das crenças mais comuns na nossa sociedade. Em geral, o imaginário social sobre a pessoa idosa apresenta uma visão negativa do envelhecimento e mantém e reproduz a ideia de que a pessoa vale o quanto produz e o quanto ganha. Dessa forma, os velhos, fora do mercado de trabalho, vivendo com parca aposentadoria ou em dependência financeira dos filhos ou do Estado, seriam peso morto e inútil (p. 12).

O que nos rege é um Estado como grande regulador, que responsabiliza o idoso pelo custo insustentável da Previdência Social, o qual, em contrapartida, é omissivo quanto a políticas e programas específicos



**Ser velho nas sociedades capitalistas, na maior parte das vezes, é condição que está associada à obsolescência, o que também traduz uma situação de violência social: esse é o dispositivo histórico atestado pela literatura da área.**

de proteção social. Nesse sentido, pode-se identificar que a Lei Federal no 8.842, antes citada, promulgada em 1994, busca ordenar a proteção dos idosos; no entanto, ainda é precária sua implementação. No âmbito das instituições de assistência social e de saúde, continuam frequentes as denúncias de maus-tratos e negligência aos idosos. Entende-se por negligência todas as formas de violência, presentes tanto em nível doméstico quanto institucional em nosso País, que geram lesões e traumas físicos, emocionais e sociais a inúmeras pessoas.

Muitos são os abusos, abandono e negligência que ocorrem no interior dos próprios lares brasileiros, justamente diante da suposta improdutividade do idoso. Afinal, segundo a lógica mercantilista pautada na produtividade, os idosos, por serem considerados, no mais das vezes, não produtivos, tendem a ser caracterizados como “mercadoria em defasagem”, ou seja, não é mais o tempo que os fazem envelhecer, mas a programação produtiva da improdutividade.

Em nossa sociedade capitalista, culturalmente, quem envelhece é condicionado no mais das vezes a viver à margem da sociedade; decorre, pois, que se costume considerar os idosos ultrapassados, caretas, inúteis e obsoletos, concepções estas ampliadas e complementadas por Goldman (2007):

Assim, o idoso se depara com problemas de rejeição da autoimagem e tende a assumir como verdadeiros os valores da sociedade que o marginaliza. Dessa forma, a marginalização do idoso se processa socialmente e é, muitas vezes, assumida pelo próprio idoso que, não tendo condições de superar as dificuldades naturais do envelhecimento, se deixa conduzir por padrões preconceituosos que o colocam à margem da sociedade (p. 123).

Essa malfadada condição do ser idoso é reafirmada por Mercadante (2007):

O velho aparece como o oposto do jovem, sem futuro, vivendo de lembranças de uma vida passada já vivida como adulto e jovem. Essa visão da velhice é geradora de representações sociais que a homogeneizam, podendo desenvolver atitudes discriminatórias em relação ao segmento idoso (p. 16).

Assim é que a discriminação contra os idosos se manifesta por meio de diversas modalidades do Idadismo:<sup>2</sup> *peçoal* tributário a crenças e

**2** Idadismo (ou Ageísmo ou Etarismo), termo que caracteriza o preconceito e a consequente discriminação a pessoas de mais idade, é um fenômeno que se reitera na sociedade, apesar das quatro décadas de explicitação de sua natureza e contestação por Butler (1969) e seus seguidores (SOUZA et al., 2015, p.1 (no prelo).



**Nesse sentido, o Idadismo pode tornar-se instrumento de exclusão social, uma arma discursiva do combate linguajeiro; quando empregado via um discurso aparentemente natural, pouco reconhecível conseqüentemente, faz-se subsistir em ato fortemente discriminatório a seu destinatário-alvo.**

sentimentos individuais negativos acerca do envelhecimento; *cultural* com o foco em estereótipos negativos relativos às pessoas idosas; e *estrutural* uma conjuntura econômica que retira as vantagens de se ter idade avançada via aposentadoria compulsiva ou forçada, com baixas pensões ou acessos limitados aos cuidados de saúde (Sousa et al., 2014).

Paschoal (2007) chega a falar de estereótipos positivos, quando se atribuem qualidades aos idosos em caráter genérico / absoluto, como: bondade, afabilidade, maturidade, experiência, sabedoria, confiança..., atribuições que, a nosso ver, se forem feitas de forma indiscriminada, similariza-os aos estereótipos negativos, o que pode prejudicar ainda mais o imaginário social a respeito dos idosos. (Não é por ser velho, que se é necessariamente bom, afável, maduro, experiente, sábio, confiante!) O autor acresce ainda estereótipos assumidamente negativos os quais ainda circulam pela sociedade (os idosos sendo conservadores, caducos, assexuados, dependentes, com problemas de adaptação a novos papéis e lugares).

Sousa et al. (2014, p. 4) complementam:

Nesse sentido, o Idadismo pode tornar-se instrumento de exclusão social, uma arma discursiva do combate linguajeiro; quando empregado via um discurso aparentemente natural, pouco reconhecível conseqüentemente, faz-se subsistir em ato fortemente discriminatório a seu destinatário-alvo. E de onde vem o poder dominante de um discurso apenas com base na variável etária, tomado, pois, por um “furor classificatório” no sentido de Bernadet (2003)? De uma tentativa, parece, de abrir e garantir um espaço de atuação na sociedade, não importando por que meios isso seja feito, importando apenas os fins; ou seja, em vez de possibilitar um convívio feliz entre pessoas de várias gerações, tal discurso tenta afastar aquelas pessoas que possam ser adversárias

à ascensão familiar, profissional ou política de alguém. Seriam, pois, certas afirmações sobre os idosos, equivalentes a mecanismos de intimidação a eles, visando a sua obliteração ou afastamento?

Essa forma com que a sociedade persiste no processo de discriminar em definitivo os velhos se contrapõe, por conseguinte, às expectativas felizes que estes próprios alimentam de um conviver harmônico dentro das comunidades em que vivem. Na direção do atendimento a esse desejo, vale destacar que, no decorrer dos anos, os direitos legalmente assegurados aos idosos foram amplamente divulgados, e de certo modo legitimados perante a sociedade civil, acarretando penalidades a quem não atentar a esses direitos, ou não proteger ou não respeitar os idosos.

Ainda a respeito de direitos, o Estatuto do Idoso presente, de um lado, limites e possibilidades outras na sua aplicabilidade, por outro, ele viabiliza o resgate ao respeito às pessoas idosas, propiciando, direta e indiretamente, mudanças nas atuais relações sociais dos idosos com a sociedade, a família e o Estado. Observa-se, entretanto, malgrado sua aprovação há cerca de dez anos, que ainda não se reduziu a violência, em qualquer de suas modalidades, a que os idosos são diariamente submetidos. Pelo contrário, apesar de estar em pleno vigor a legislação, atesta-se um nítido aumento de violência e maus-tratos à pessoa idosa, com frequente e lamentável ocorrência no ambiente doméstico-familiar. Uma pesquisa realizada pelo Serviço Social do Comércio de São Paulo (Sesc, SP), em parceria com a Fundação Perseu Abramo (2007), revelou:

A violência, o desrespeito ou os maus-tratos estão presentes na vida de muitos idosos. Embora espontaneamente só 15% relatem alguma ocorrência, após a menção de uma bateria de dez modalidades de violência, mais de um terço (35%) reportou já ter sofrido alguma delas por conta de sua idade (p. 27).

Outros elementos foram inseridos na análise sobre a violência contra as pessoas idosas, contemplando fatores de ordem ideológica que se tornam determinantes no contexto sociocultural, tal como o explicitam Paz; Melo; Soriano (2012, p. 68-69, apud: MINAYO, 2005, p. 15):

No Brasil, em particular, sociedade capitalista periférica, onde a violência ao idoso acaba sendo produto de ideias forjadas por uma ideologia que vem sendo internalizada na cultura histórica familiar e em

**Artigo 4**

O silêncio que oculta: violência contra a pessoa idosa

sociedade, que se perpetua até hoje, desde outrora, em que as pessoas não produtivas, para o sistema de produção, infância desamparada, pessoas com deficiência, doentes crônicos, idosos etc., eram alvo e objeto de solidariedade cristã e da filantropia e, também, sedimentada nas pessoas idosas como pessoas dependentes e inúteis, necessidades da caridade, amparo ou da assistência social.

Outro grande desafio para os estudos sobre violência, especificamente em relação às pessoas idosas, reside na definição das categorias e tipologias que desinem as suas várias nuances, o que favoreceria sua identificação em diferentes espaços sociais de convivência. Em âmbito internacional (por certo com validade ao nacional), estabeleceram-se algumas categorias que subsumem as violências mais praticadas contra a população idosa, sendo elas:

**Abuso físico ou violência física** – expressões que se referem ao uso da força física para compelir os idosos a fazerem o que não desejam, para feri-los, provocar-lhes dor, incapacidade ou morte;

**Abuso psicológico ou violência psicológica** – correspondem a agressões verbais ou gestuais com o objetivo de aterrorizar os idosos, humilhá-los, restringir sua liberdade ou isolá-los do convívio social;

**Abuso ou violência sexual** – se referem ao ato ou jogo sexual de caráter homo ou hétero-relacional, utilizando pessoas idosas. Esses abusos visam a obter excitação, relação sexual ou práticas eróticas por meio de aliciamento, violência física ou ameaças;

**Abuso financeiro e econômico** – consiste na exploração imprópria ou ilegal dos idosos ou ao uso não consentido por eles de seus recursos financeiros e patrimoniais. Esse tipo de violência ocorre, sobretudo, no âmbito familiar;

**Autonegligência** – diz respeito à conduta do idoso que ameaça sua própria saúde ou segurança, pela recusa de prover cuidados necessários a si mesmo;

**Abandono** – é uma forma de violência que se manifesta pela ausência ou deserção dos responsáveis governamentais, institucionais ou familiares de prestarem socorro a uma pessoa idosa que necessita de proteção;

**Negligência** – refere-se à recusa ou à omissão de cuidados devidos e necessários aos idosos, por parte dos responsáveis familiares ou institucionais. A negligência é uma das formas de violência mais presentes no país. Manifesta-se associada a outros abusos que ge-

ram lesões e traumas físicos, emocionais e sociais, em particular, para a pessoa idosa que se encontra em situação de múltipla dependência ou incapacidade (MINAYO, 2005, p. 15).

Ao descrever os tipos de violência mais explícitos contra a pessoa idosa, pode-se atestar que há um tipo de violência que ultrapassa os limites das ações violentas dentro da família e da sociedade: é a forma de *violação de direitos* concretizada de forma velada pelo Estado e instituições. Com apoio de Minayo (2005), pode-se explicitar como a violência estatal e / ou institucional acontece:

[...] na aplicação ou omissão na gestão das políticas sociais pelo Estado e pelas instituições de assistência, maneira privilegiada de reprodução das relações assimétricas de poder, de domínio, de menosprezo e de discriminação. [...] Nas instituições, as burocracias que se investem da cultura do poder sob a forma da impessoalidade, reproduzem e atualizam, nos atos e nas relações, as discriminações e os estereótipos que mantêm a violência (p. 14).

Tal situação cria a exigência de que o Estado, de fato, realize, com responsabilidade e compromisso ético, a gestão dos fundos públicos, das políticas públicas e ações que, na prática, devem ser aplicados com a finalidade de melhorar as condições de vida dos idosos, bem como de toda a população.

Assim, para atender, de modo mais pragmático, as demandas atuais tornou-se necessária a criação de programas de captação de denúncias de violência contra a pessoa idosa, em que são exemplares as Delegacias do Idoso e o Módulo Idoso, do Disque Direitos Humanos (DDH 100), esse último um serviço gratuito por telefone da Secretaria de Direitos Humanos. Ambos reportam-se especialmente às notícias envolvendo a problemática da violência contra pessoas idosas, por considerá-las altamente relevantes. É o caso da matéria “Conspiração do silêncio”, publicada pelo Jornal *Folha de São Paulo*, de 25 de março de 2014, que destaca os resultados do Disque 100, serviço gratuito de depor por meio do telefone. Disponibilizado pela Secretaria de Direitos Humanos (SDH), o Disque 100, durante o ano de 2013, evidenciou que a negligência aparece na maior parte das denúncias (29,4 mil, equivalentes a 75% do total), seguida pela violência psicológica (citada 21.832 vezes, em 56% dos casos), abuso financeiro (16.796 mil, 43% dos casos) e violência física (10.803, 27,72%).

**Artigo 4**

O silêncio que oculta: violência contra a pessoa idosa

Os dados da SDH atestam que dos 71.358 suspeitos de agressão os filhos foram apontados como agressores em 36,6 mil denúncias (51,5% do total); já os netos estão entre os responsáveis por 5,9 mil casos (8,25%); e, em sua grande maioria, as vítimas pertencem ao sexo feminino (28,3 mil, ou 64% dos casos).

O número de denúncias cresceu 65,7% em 2013, ou seja, registraram-se 38.976 casos *versus* os 23.523 de 2012. O aumento pode ser justificado pela maior divulgação do serviço, cujas atividades tiveram início em 2011, e também pelo aumento da conscientização da população a respeito da proteção ao idoso.

Assim, reconhece-se que a atenção e proteção da pessoa idosa devem caminhar juntas pela garantia de direitos do idoso, em especial, daquele que sofre algum tipo de violência e se encontra em situação de vulnerabilidade.

Considerando que, na maioria das vezes, a violência contra idosos não é denunciada, é fácil vislumbrar o cenário em que muitos velhos se encontram: isolados, quando ficam deprimidos ao serem vítimas de seus familiares, sentem-se acuados e com receio de denunciar o agressor com temor de maus-tratos consequentes. Por esse motivo, apenas uma pequena fração da violência contra o idoso é notificada aos órgãos responsáveis. Goldenberg (2014, p. 8), com muita lucidez sobre o fato, afirma: “Não é possível culpar somente as famílias por essa trágica realidade. É preciso denunciar a escandalosa omissão do Estado e a total ausência de serviços públicos que ofereçam cuidado, proteção e assistência aos velhos”.



**O número de denúncias cresceu 65,7% em 2013, ou seja, registraram-se 38.976 casos versus os 23.523 de 2012.**

Em qualquer política de prevenção e atenção à violência contra os idosos, é preciso considerar as diferentes formas de configuração do problema. Merece atenção o fato de que as políticas públicas precisam redefinir, de forma positiva, o lugar do idoso na sociedade e privilegiar o cuidado, a proteção à sua subjetividade, tanto nas famílias quanto nas instituições, tanto nos espaços públicos como nas esferas privadas.

Entende-se, portanto, que a questão da violência é muito mais complexa do que se vislumbra em um primeiro momento; é, pois, necessária a construção da cidadania em um ambiente democrático, principalmente no que diz respeito à defesa da dignidade humana.

Embora o idoso seja protegido pela Constituição, no seu art. 229 que postula que assim como “os pais têm o dever de assistir, criar e educar os filhos menores, os filhos maiores têm o dever de ajudar e amparar os pais na velhice, carência ou enfermidade”, não é novidade que a maior parte das famílias brasileiras não consegue arcar com essa responsabilidade. O cenário de desemprego massivo, de crescentes separações conjugais e da participação intensa da mulher no mercado de trabalho evidenciam fatores que inviabilizam, de fato, o cuidado das famílias com seus idosos. É notório que as condições econômicas, físicas e emocionais do cuidador e a ausência de políticas públicas de suporte social, formam um panorama preocupante que clama por uma transformação.

Isso precisa, pois, acontecer desde cedo na escola, junto a crianças e jovens, iniciando-se com a mudança nas relações entre as pessoas. A educação precisa estar *pari passu* a uma agenda em favor do tratamento digno à pessoa idosa que deve ser assim construída – de forma coletiva.



**Merece atenção o fato de que as políticas públicas precisam redefinir, de forma positiva, o lugar do idoso na sociedade e privilegiar o cuidado, a proteção à sua subjetividade, tanto nas famílias quanto nas instituições, tanto nos espaços públicos como nas esferas privadas.**

**Artigo 4**

O silêncio que oculta: violência contra a pessoa idosa

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No que se refere às especificidades resultantes de estudos já realizados, há que se reconhecer a necessidade de maior conhecimento a respeito das situações de violência contra a pessoa idosa. Dados estatísticos mostram apenas a violência visível, aquela que está oculta escapa de ser contabilizada – tornando-se um enigma para a indignação das pessoas de bem que não conseguem dar conta de um mal que não se deixa ver.

A violência contra a pessoa idosa ainda é vista como um assunto estritamente familiar ou institucional, diluindo-se nessas duas esferas, como um lugar de reserva e intimidade, tornando-se difícil a sua atestação. A dificuldade das próprias vítimas, em denunciarem os atos de violência de que são alvo, faz com que se culpabilizem pelo que estão vivenciando e protejam-se no silêncio e isolamento, contribuindo, dessa forma, para que a problemática fique distanciada da sociedade.

No momento presente, urge considerar estudos já realizados e privilegiar novas pesquisas no Brasil, visando atender às especiais características e necessidades do segmento idoso, numa sociedade contemporânea que envelhece a passos largos.

Vencer mitos e preconceitos que cercam a velhice é um primeiro passo, segundo Minayo (2011), a fim de: mudar o rumo da destinação antecipada do idoso a um lugar social estereotipado reservado a ele pelo aparente cuidado social; desconstruir o mito da velhice como um fator homogêneo que busca uniformizar os idosos, com se diferença não houvesse entre eles; de forma similar, desconstruir aquele mito dos mais populares sobre o envelhecimento que é metaforizá-lo em doença, consagrando uma visão essencialista da dimensão biológica; deixar-se de ver o velho como um ser descartável, uma das crenças mais comuns de nossa sociedade. Tudo isso que constitui o imaginário social sobre a pessoa idosa, criando uma visão negativa do envelhecimento e da velhice, o que mantém e reproduz a ideia de que a pessoa vale o quanto produz e o quanto ganha; por último, e não menos importante, desconstruir o mito da velhice como problema, visão essa que atravessa todas as classes sociais e instituições como a família, o setor saúde e o Estado.

Não sem razão, propôs Bruno (2003) que é necessário deflagrar uma revolução social e cultural que possibilite, de um lado, a efetivação de políticas públicas que respondam às necessidades do segmento idoso, e, de outro – tão importante quanto –, o investimento na mudança de percepção que a comunidade familiar e social tem sobre o envelhecimento e a velhice, provocando o rompimento dos mitos e

preconceitos que, ainda hoje, são os maiores responsáveis pela exclusão do segmento idoso.

Por tudo que foi apresentado, é importante imprimir uma nova visão à última etapa da vida humana, promovendo uma cultura da tolerância, em que o respeito às diferenças seja o valor fundamental; que o ser humano seja considerado prioridade absoluta, independentemente de sua faixa etária, para a efetivação de políticas públicas que busquem garantir a proteção e a inclusão social para todos com equidade, universalidade e respeito aos direitos fundamentais do ser humano.

Cabe enfatizar a ideia de que a sociedade não deve aceitar com indiferença ou deixar obliterada essa problemática contemporânea da violência, do ser violento que alarma, aflige e diz respeito a todos nós, cidadãos brasileiros. Ao evocar Cortella (2013, p. 103), impõe-se a opção coletiva pela radicalização da paz, em contraponto à violência; viver essa opção em processo de construção e consolidação permanente:

Todos falamos em paz, mas, paz é, antes de tudo, algo a ser socialmente compartilhado; não pode ser paz para poucos. A paz, para sê-lo de fato, deve ser coletiva e tem um pressuposto apontado fortemente por Paulo Freire que propôs uma educação apoiada no diálogo, que a paz se cria, se constrói, na e pela superação de realidades sociais perversas, se cria e se constrói, na construção incessante da justiça social.

Acreditamos que o mundo não seja uma máquina causal, mas “podemos considerá-lo como um universo de propensões, um processo de desdobramento de possibilidades em via de atualização e de novas possibilidades”.<sup>3</sup> ↻

**3** POPPER, K. O mundo dos possíveis. Un univers de propensions – Deux études sur la causalité et l'évolution, Editions de l'Éclat, 1992, apud: Café Philo: as grandes indagações da filosofia. Le Nouvel Observateur (Ed.). Trad. Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, p. 125.

**Artigo 4**

O silêncio que oculta: violência contra a pessoa idosa

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- BEAUVOIR, S. de. *A Velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BRASIL. (2003). *Lei no 10.741, de 10 de outubro 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências*. Alterado pela Lei no 11.765, de 5 de agosto de 2008, e pela Lei no 11.737, de 14 de julho de 2008.
- BRASIL. *Plano de Ação para o Enfrentamento da Violência Contra a Pessoa Idosa*. Brasília: Subsecretaria de Direitos Humanos, 2005.
- BRASIL. PNAD – Pesquisa Nacional por amostra de domicílios, 2012. Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2012/default\\_sintese.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2012/default_sintese.shtm). Acesso em: 11 jan. 2015.
- BRASIL. *Constituição 1988. Constituição da República Federativa do Brasil*. 35ª ed. Brasília: Edições Câmara, 2012.
- BRASIL. *Manual de enfrentamento à violência contra a pessoa idosa*. É possível prevenir. É necessário superar. Brasília: Secretaria dos Direitos Humanos da Presidência da República, 2013.
- BRASIL. *Política Nacional do Idoso - Lei 8.842 de 4 de janeiro de 1994*. Brasília: Câmara dos Deputados, 2014.
- BRASIL. *Dados sobre envelhecimento no Brasil*, 2015. Disponível em: <http://www.sdh.gov.br/assuntos/pessoa-idosa/dados-estatisticos/DadosobreoenvelhecimentoBrasil.pdf> Acesso em: 12 fev. 2015.
- BRUNO, M. R. P. Cidadania não tem idade. *Revista Serviço Social & Sociedade*. Ano XXIV, no 75, São Paulo: Cortez, p. 74-83, 2003.
- CHAUÍ, M. Ensaio: Ética e violência. *Teoria e Debate*, no 59, 1998, out.-nov.-dez., 1998.
- CONCONE, M. H. V. B. A Noção de Cultura. *Revista Kairós Gerontologia*, 14(4). São Paulo, p. 51-66, 2011.
- CORTELLA, M. S. *Não se desespere!: provocações filosóficas*. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 101-104.
- GIACOMIN, K. C.; Couto, E. C. O caráter simbólico dos direitos referentes à velhice na Constituição Federal e no Estatuto do Idoso. *Revista Kairós Gerontologia*, 16(3). São Paulo, p. 141-160, jun. 2013.
- GOLDENBERG, M. Conspiração do Silêncio. *Folha de S.Paulo*, 25 de março de 2014: C8.
- GOLDMAN, S. N. Proteção social e velhice: um desafio para o serviço social. In: Souza, N. R. O. Q. et al. *Política de Assistência no Brasil: desafios para o assistente social*. Rio de Janeiro: Public Editora, 2007.
- INPEA, *Stopping Elder Abuse: A Global Priority*. Disponível em: <http://www.inpea.net>. Acesso em: 7 jun. 2014.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Síntese dos indicadores de 2012 da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios*. Rio de Janeiro: IBGE, 2013.
- MERCADANTE, E. F. Algumas reflexões sobre o lugar social da velhice e do velho. In: São Paulo. *Violência doméstica contra a pessoa idosa a pessoa idosa: orientações gerais*. Coordenação de Desenvolvimento de Programas e Políticas de Saúde – Codepps. São Paulo: SMS, p. 16-17, 2007.

- MINAYO, M. C. S. Violência contra idosos: relevância para um velho problema. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 19(3): 783-791, mai.-jun 2003.
- \_\_\_\_\_. *Violência contra idoso: o avesso do respeito à experiência e à soberania*. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2005.
- \_\_\_\_\_. Envelhecimento demográfico e lugar do idoso no ciclo da vida brasileira. In: *Nós e o Outro: envelhecimento, reflexões, práticas e pesquisa*. São Paulo: Instituto de Saúde, 2011. p. 7-15.
- \_\_\_\_\_. Envelhecimento: bônus demográfico e desafio para o setor saúde. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 18(12), dez. 2013.
- NÉRI, A. L. (Org.). *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativa na 3ª idade*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Editora Sesc, 2007.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Envelhecimento ativo: uma contribuição para a II Assembleia Mundial para o Desenvolvimento*. Genebra: OMS, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Declaração de Madrid, II Assembleia da ONU sobre o Envelhecimento*. Madrid: ONU, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Missing voices: views of older persons on elder abuse*. Geneva: WHO/Inpea, 2002.
- PASCHOAL, S. Envelhecer com dignidade, um direito humano fundamental. In: São Paulo. Secretaria da Saúde. *Violência doméstica contra a pessoa idosa: orientações gerais*. São Paulo: Secretaria Municipal de Saúde, 2007. p. 13-15.
- PAZ, S. F.; MELO, C. A.; SORIANO, F. M. A violência e a violação de direitos da pessoa idosa em diferentes níveis: individual, institucional e estatal. *Revista O Social em Questão*, Ano XV, n. 28, 57-83, 2012. Disponível em: <http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/4artigo.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2015.
- PINSKI, J. (Org.). *12 Faces do Preconceito*. São Paulo: Contexto, 2011.
- SÃO PAULO. *Violência doméstica contra a pessoa idosa a pessoa idosa: orientações gerais*. Coordenação de Desenvolvimento de Programas e Políticas de Saúde – Codepps. São Paulo: SMS, 2007.
- SOUZA, A. C. S. N.; LODOVICI, F. M. M.; SILVEIRA, N. D. R.; ARANTES, R. P. G. Alguns apontamentos sobre o Idadismo: a posição de pessoas idosas diante desse agravo à sua subjetividade. *Revista Estudos sobre o Envelhecimento*, v. 19, n. 3, dez. 2014 (no prelo).
- SOUZA, E. R., et al. O idoso sob o olhar do outro. In: *Antropologia, saúde e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002. p. 191-209.

**ENTREVISTA****MARINA ABRAMOVIC**

69 anos, artista

# “A felicidade só é real quando compartilhada”



Marina Abramovic iniciou sua carreira nos anos de 1970. Ao longo das quatro décadas de sua carreira, consolidou a performance como uma forma autônoma de arte, ao introduzir novos conceitos como reperformance e performance de longa duração. Artista de intensa atividade criou obras que exploraram os limites físicos e mentais, a exaustão, a dor, o perigo. Entre os meses de março e maio, esteve no Brasil para a realização do projeto Terra Comunal – Marina Abramovic+MAI no Sesc Pompeia. A exposição apresentou a maior retrospectiva da artista já realizada na América do Sul e a mais abrangente experiência aplicada por seu instituto – Marina Abramović Institute (MAI), além de encontros com o público. A curadoria abordou três pontos focais na prática de Abramovic: o *Corpo Artista*, referindo-se à presença de seu próprio corpo em suas performances; o *Corpo Público*, que se torna evidente pela desconstrução dos limites entre performer e observador; e, finalmente, o *Corpo Estudante*, que cria espaços de colaboração para artistas, pesquisadores e o público.



**RAIO-X**

**Marina  
Abramovic**

69 anos, Iugoslávia  
**Ocupação:** Artista  
performática





## “Com a ausência de liberdade, você encontra uma maneira de criar sua própria realidade paralela”

**MAIS60** Você declarou em uma entrevista “Quanto pior sua infância, melhor sua arte” o que você reconhece da sua infância em sua produção artística?

**MARINA ABRAMOVIC** Crescendo na Ex-Iugoslávia, você realmente aprende a lidar com a disciplina e para mim foi realmente extremo. Com a ausência de liberdade, você encontra uma maneira de criar sua própria realidade paralela. Ambas as condições influenciaram meu processo e também se tornaram tema de meu trabalho.

**Como foi o percurso entre uma infância cheia de regras e disciplinas para uma vivência, já quase aos 30 anos, de liberdade e independência?**

Liberdade e independência são ilusões em qualquer país. Cada cultura tem seu conjunto de regras e restrições, apenas algumas são mais óbvias do que outros. De muitas maneiras eu senti mais liberdade quando eu estava crescendo porque conhecia meus limites e restrições. De certa forma, sentia mais liberdade do que agora, embora viva na América uma democracia, porque, para mim, aqui os limites da liberdade não são realmente claras ou bem definidas.

**Apesar de seus pais terem dificuldade em entender sua arte, após a morte da sua mãe você encontrou, em sua casa, livros sobre seu trabalho. De alguma forma ela estava perto de você. Não é?**

Fiquei comovida quando encontrei meus livros, que minha mãe tinha guardado, mas quando eu os olhei, descobri que ela os havia editado pesadamente. Ela sempre sentiu vergonha da exposição de meu corpo no meu trabalho e ela realmente nunca aceitou minha arte performática.

“[...] estou vivendo com o meu trabalho e é a coisa mais importante para mim em minha vida. E você se envergonha de meu trabalho. É por isso que não temos nada a dizer uma à outra. “ Este trecho de uma carta de Marina à sua mãe, dá ideia do conflito entre ambas. No entanto, quando a mãe de Marina morreu, ela encontrou em sua casa todos os livros que traziam seus trabalhos. Todas as páginas com as fotos em que ela aparecia nua haviam sido arrancadas.

“[...] Se externamente Danica era hostil para com os rumos da carreira artística de Marina, em segredo guardava, com ordem e precisão militares, uma lista de referências da filha na imprensa [...] O amor e reconhecimento que Marina ansiava de sua mãe sempre estiveram ali, ainda que Danica jamais permitisse que ela os percebesse.”<sup>2</sup>



**Marina Abramovic, no Sesc Pompeia**



### **SAIBA MAIS**

Marina nasceu em 1946, em Belgrado, Sérvia (parte da República da ex-Iugoslávia), recebeu uma educação rígida que, segundo suas palavras, influenciou sua obra e seu método de performance. Seus pais, Vojo Abramovic e Danica Rosi, foram combatentes na guerra - lutaram contra os nazistas - e, mais tarde, membros ativos do Partido Comunista. Em sua casa mantinha-se uma rígida disciplina, a mesma disciplina que Marina transportou para suas performances, que confrontam seus limites físicos e psicológicos.

**Na entrevista, foram adicionadas trechos do livro:**



**Quando Marina Abramovic Morrer: Uma Biografia**

**Autor:** James Westcott

**Editora:** Edições Sesc  
São Paulo



**Vislumbramos, na contemporaneidade, uma sociedade que promete - por meio da tecnologia - a permanência da juventude dos corpos. Como você percebe essa resistência ao corpo velho?**

O corpo tem seus próprios limites. Cresce, envelhece e eventualmente morre. A tecnologia nunca vai elevar os seres humanos acima de outros seres, como pássaros, abelhas, animais e árvores.

**Como você percebe, nesta sociedade que quer manter a vida a todo custo por meio da ciência e da tecnologia, a morte. Qual lugar ela ocupa na sua arte?**

Isso não ocupa um lugar no meu trabalho. Estou mais interessada em entender a temporalidade do ser humano e o meu trabalho reflete isso.

“[...] Mas a duração, tal como vista por Abramovic, pode criar uma experiência compartilhada, carregando um espaço de avassaladora empatia e gerando um presente perfeitamente suspenso, um presente que possa ser apreendido.”

**Como você relaciona envelhecimento e finitude?**

Minha avó sempre tinha roupas preparadas para a sua morte. Ela começou a fazer isso quando era muito jovem e alterava o que usaria conforme a moda mudava ao longo dos anos, estaria sempre preparada para a possibilidade de morte a qualquer momento. Como ela, eu já organizei e dei todas as instruções para o meu funeral, porque a morte pode vir a qualquer momento e temos que aprender a aceitá-la.



**“O corpo tem seus próprios limites. Cresce, envelhece e eventualmente morre”**

**“É importante refletir sobre o passado, aprender com as fraquezas e os erros, para abraçar o momento presente como ele é. Isso é tudo que temos”**

“Quando Marina Abramovic morrer, requeira-se o seguinte procedimento, tal como estipulado em seu último desejo e testamento: Na ocasião de minha morte eu gostaria de receber a seguinte cerimônia em minha homenagem: Três ataúdes [...] gostaria de nomear três pessoas para que cuidassem da distribuição dos três ataúdes em três lugares do mundo [...] Na cerimônia final, todos devem ser instruídos a não se vestirem de preto e qualquer cor será bem-vinda [...] A cerimônia deverá ser uma celebração à vida e à morte reunidas [...]”<sup>3</sup>

**Você está sempre rodeada de pessoas, o que você pensa sobre a relação com o outro e sobre a solidão?**

De certa forma estou na solidão voluntariamente por ser uma artista e, embora não seja

fácil viver assim, eu aceito. O que tento aprender é o amor incondicional, independentemente da idade, sexo, raça ou religião. Se você ama o amor para todos no planeta, você nunca vai estar sozinho.

**Chegando aos 69 anos, quais potencialidades e quais fragilidades você percebe em si?**

Estou realmente ansiosa para chegar aos 70 anos. É um momento sério na minha vida e eu não posso envolver-me com besteiras. É importante refletir sobre o passado, aprender com as fraquezas e os erros, para abraçar o momento presente como ele é. Isso é tudo que temos. ☺

**3** WESTCOTT, James. *Op. cit.*

**FOTOGRAFIA**

# Aposentado

A breve passagem pelo jornalismo foi das experiências mais marcantes em minha vida de fotógrafo. Foi breve, mas aconteceu justamente em uma época em que eu tinha vinte e poucos anos, idade em que estamos ávidos por descobrir o mundo e tomados por algumas paixões. Retratar pessoas era uma delas, o que, aliás, nunca me deixou / **por Cristiano Mascaro**

Portanto, quando me coube a tarefa de retratar um aposentado, pude reviver alguns momentos emocionantes ao retomar um tema clássico do fotojornalismo. Acompanhar uma pessoa em seu dia a dia, o chamado “Um dia na vida de...”

Desta forma descobri o Genaro (nome fictício), 80 anos, solteiro, uma pessoa só após a perda da irmã com quem vivia em um prédio de 3 andares sem elevador no Bexiga. Na hora combinada bati à sua porta e a partir deste momento teve início uma aventura, pequena, mas imensamente humana ao acompanhar Genaro em sua vida cotidiana. Organizado e vaidoso, acorda cedo, veste-se com cuidadosa elegância e inicia sua pequena jornada diária. Desce as escadas do prédio, sai para a rua, vai

cumprimentando os vizinhos com quem cruza seguindo o caminho da padaria de onde sai com um imenso saco de pães. Vai até a loja de ração para levar algo de comer para seu papagaio e seus passarinhos, conversa com seus amigos jornalheiros para ter notícias do Palmeiras e volta para casa. Abre a porta do prédio, sobe vagarosamente as escadas até atingir o terceiro andar, prepara seu café, veste pijama e põe-se diante da televisão para ver seus programas preferidos na TV Aparecida. Já são 11h da manhã e quase sempre nada mais acontece. Talvez Genaro saia para mais algumas compras repetindo o sobe e desce das escadas para na volta vestir novamente o pijama, postar-se diante da televisão e preparar-se mais uma vez para a jornada do dia seguinte. ☺



## **RAIO-X**

### **Cristiano Mascaro**

71 anos, fotógrafo paulista. Arquiteto formado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAU/USP – tem na arquitetura das cidades um dos eixos fundamentais de sua obra.

Em 2006, participou como arquiteto homenageado da VI Bienal Internacional de Arquitetura e Design apresentando a exposição o Brasil em X, em Y, em Z e em 2007 recebe o prêmio especial Porto Seguro de fotografia pelo conjunto de sua obra. Atualmente, é fotógrafo independente e dedica-se a projetos pessoais.

**Genaro (nome fictício),  
80 anos, solteiro.  
Morador do Bexiga.**



**“Uma aventura, pequena, mas imensamente humana ao acompanhar Genaro em sua vida cotidiana”**





**“Desce as escadas do prédio, sai para a rua, vai cumprimentando os vizinhos com quem cruza seguindo o caminho da padaria”**









**“Abre a porta do prédio, sobe vagarosamente as escadas até atingir o terceiro andar, prepara seu café, veste pijama e põe-se diante da televisão para ver seus programas preferidos na TV Aparecida”**







A elevação da expectativa de vida requer modificações nas concepções do envelhecer não somente por parte da sociedade como, principalmente, do próprio idoso.

Engajar-se em atividades sociais desenvolvidas em grupo representa aspecto diferencial no rumo da vida. Os sentimentos de utilidade, de identificação com seus desejos, valores e experiências em grupo e de inserção e realização pessoal, favorecem a vivência de um estado de plenitude que possibilita ao idoso um reforço de seu sentido existencial em construção e, conseqüentemente, com muitas possibilidades de ação (MIGUEL & FORTES, 2005).

Em 2014, o *Programa de Trabalho Social com Idosos na Unidade* do Sesc Interlagos propôs ações que despertassem o interesse do público idoso e que correspondessem aos objetivos institucionais. Na concepção da proposta considerou-se a valorização do idoso, a experimentação de linguagens artísticas e a sociabilização como diretrizes principais a nortear o projeto.

Naquele momento a unidade recebia a Exposição *Grimm Agreste*<sup>2</sup>, que acabou por indicar a definição do conteúdo, da temática e da linguagem das oficinas que integrariam o projeto: literatura de cordel, memória afetiva e xilogravura.

De acordo com Marilena Chauí, na introdução da obra *Memória e Sociedade: lembranças de velhos* de Ecléa Bosí, “a sociedade contemporânea impede rastros da memória; desse modo e nesse cenário, a conversa evocativa com um velho torna-se uma obra de arte”. Fortalecido por considerações como esta e com grande expectativa de estimular ressignificações, no sentido de que descobertas são sempre possíveis e o envelhecer um privilégio, a programação criou corpo.

**2** Inspirada na primeira edição dos *Contos Maravilhosos Infantis e Domésticos dos irmãos Grimm*, a exposição *Grimm Agreste*, em cartaz de fevereiro a novembro de 2014, desbravou o imaginário dos 156 contos originais com instalações interativas e ilustrações do artista nordestino J. Borges.



### **O Projeto Sua Marca, Sua História: Arte e Memória**

Realizado em formato de oficinas semanais, variando de três a dez encontros, com duração de duas horas cada:

**1** “Cordel: despertando o poeta que há em você”  
Trouxe como foco a literatura de cordel, linguagem que valoriza a cultura popular e a oralidade para expressar situações cotidianas que, aos olhos daquele que as registram, são particulares e, ao mesmo tempo, apresentam a coletividade, traços da cultura e a constituição de grupos sociais.

**2** “Memórias Gustativas”  
Os aspectos da memória afetiva. O objetivo foi promover a reflexão e compartilhamento das histórias individuais tendo a culinária como ponto de partida e mediadora entre memórias infantis e a realidade atual. Um olhar sobre seu próprio processo de envelhecimento, um panorama de si mesmo.

**3** “A arte da xilogravura”  
Mais uma vez, um momento para experimentação: talhar na madeira imagens representativas das histórias de vida. Transpor para imagens os valores aprendidos a partir dos quais se formaram, sem desconsiderar que todo instante é um novo momento para redesenhar-se, reinventar-se.



Festival da Integração, no Sesc Bertioga



**Engajar-se em atividades sociais desenvolvidas em grupo representa aspecto diferencial no rumo da vida.**

Todas essas ações estão em consonância às diretrizes e objetivos do *Programa Trabalho Social com Idosos*, do Sesc São Paulo que pretende trazer à pessoa idosa a reflexão sobre o envelhecimento, a experimentação das linguagens artísticas e a oportunidade para sociabilização.

#### **DESENVOLVIMENTO**

*“Cordel: despertando o poeta que há em você”*

Organizado em encontros semanais trouxe a oportunidade de que, em cada encontro, a memória - varal de lembranças, sabores da infância e tecendo o futuro - permeasse todos os momentos ao longo do projeto.

Conduzidos por profissional, também idosa, os participantes foram convidados a dividirem com o grupo lembranças que fizessem referência a um tema proposto cuja função foi desencadear relatos pessoais do grupo e da mediadora.

A oralidade foi valorizada em detrimento de relatos escritos, com objetivo de incluir todos os participantes - alfabetizados ou não - e para que a escrita não fosse fator inibidor na participação. No processo de encontros, e à medida que se sentiam à vontade, situações vividas - que lhes foram significativas de alguma forma - eram trazidas pelos idosos.

A literatura de cordel foi-lhes apresentada, sua forma, sua métrica e sua rima. Proposto a todos um exercício para traduzir suas histórias por meio da poesia, com objetivo de experimentar outra possibilidade de representação do modo de olhar os fatos do dia a dia, para cada fase da vida.

A adesão inicial foi tímida, porém, durante o processo, os participantes convenceram-se de que eram capazes de arriscar-se e produzirem seu próprio cordel. Nítido foram o envolvimento e a percepção da ampliação da visão desses ido-

tos quanto à sua capacidade de fazer coisas novas, de planejar e realizar novos projetos.

Entrar em contato com o novo, desempenhar com eficiência os novos papéis surgem como uma tarefa saudável, podendo alterar os já conhecidos (papéis) num processo de salutar adaptação – peculiaridade do ser humano: livre e inteligente (MELO, 1995).

#### **“MEMÓRIAS GUSTATIVAS”.**

Nos encontros, escuta e acolhida, identificação e reconhecimento de si e do outro como atores de suas histórias. Cada idoso teve oportunidade de partilhar com o grupo suas lembranças afetivas, produzidas às voltas de alguma receita culinária que fez parte da sua infância.

Depois de mostrar um pouco de si por meio de um recorte de sua história, a proposta contemplava o compartilhamento dos sabores que aquela memória proporcionara. Para isso, cada participante preparou a receita mencionada em seu relato.

Este foi um dos momentos mais marcantes. Era evidente o quanto cada um se sentia estimado pelo grupo e orgulhoso de si por sua realização e trajetória, demonstradas na forma como se fazia sujeito de sua história, dividindo os sabores de suas vivências e experiências.

Do outro lado, os que eram contemplados com os relatos e saboreavam a receita – memória - partilhada, sentiam-se importantes por fazerem parte daquele momento. Uma mescla entre a valorização da individualidade – à proporção em que se conheciam e identificavam-se entre si – e o reconhecimento da identidade de grupo.

Nesse sentido Melo & Melo (2014), em recente artigo sobre o trabalho com grupos, como instrumento de manutenção da saúde do idoso, concluem que para a melhoria da autoestima do idoso, da compreensão da dimensão do apren-

dizado e partilhas realizados no grupo é importante o reconhecer-se pertencente a um espaço em que se sintam recompensados e valorizados por sua bagagem existencial, vivenciando o encontro com o outro, que difere de si, mas em circunstâncias que os aproximam diante dos aspectos vivenciais que compartilham.

Observamos a importância, o envolvimento e sensação de pertencimento ao grupo, a partir da criação de um blog<sup>3</sup> por uma das participantes que, apaixonada por literatura e pela escrita, interessou-se pela oficina Cordel. Meio pelo qual teve contato com o *Programa de Trabalho Social com Idosos* e tornou-se assídua participante. Sobre a oficina, escreveu em seu blog:

Privilégio participar deste grupo.  
Nele compartilhamos nossa história individual. Os aromas da infância e juventude, resgatados em lembranças remotas mais que atuais. Momentos realimentados com amor e sabor. Expressão de arte em mágicos momentos gastronômicos. Cada história, uma janela aberta para o mundo. Cada narrativa uma emoção e nova releitura. Encantamento em estado bruto. Aguçar o paladar, olfato, tato, audição e por fim, a visão dos pratos preparados. Na hora da degustação, muito riso. Somos um grupo feliz. Finalmente fazer sabores, inspirados nas falas e sentimentos. A Lourdes que cuidou de filhos e divide os dias com netos, preparou a torta da Bila. A Cida que era paparicada pelos pais e dedicou-se aos filhos e ao marido, fez o brigadeiro de colher. A Antônia, que morou no Paraná e agora namora o Walter, que conheceu no SESC, preparou o pão de ló. O Walter que gosta de namorar e dançar e que, antes jogava bola, preparou o feijão com legumes. Eu que lembrei que não gostava do quia-

**3** Disponível em <http://suelyaparecida.blogspot.com.br>

bo por causa da baba, preparei a polenta com quiabo que me remeteu à casa da minha avó Tutinha. E como uma lembrança puxa outra, novas receitas foram surgindo. Experimentamos o pé de moleque e o pão caseiro. Seguimos trocando saberes e sabores. Nada será como antes.

#### “A ARTE DA XILOGRAVURA”

Mais do que aprender uma técnica, a intenção foi refletir sobre as marcas e vivências que os conduziram até o tempo presente. Demonstrar que o registro dessas experiências depende da forma como nos relacionamos e nos posicionamos diante delas, que pode manifestar-se no envelhecer e perceber o envelhecimento, na postura de cada um desses idosos enquanto indivíduos autônomos e atores do seu tempo.

O foco esteve no processo, nas construções críticas que poderiam resultar dos encontros, das conversas, das trocas e da integração entre os participantes, nas relações que se estabeleceriam.

O projeto percorreu uma trajetória rica de trocas e compartilhamentos. Além disso, a dedicação e prazer dos idosos ao participarem das atividades fizeram com que apresentassem, ao fim da oficina de xilogravura, um trabalho artístico, sensível e carregado de significados.

Inicialmente, o projeto *Sua Marca, Sua história: Arte e Memória* deveria ter sido desenvolvido em três oficinas, por um período de cinco meses. Entretanto, por solicitação dos próprios idosos, criou-se um momento para que os relatos em cordéis fossem ilustrados por xilogravuras, que deram corpo a livretos produzidos manualmente pelo grupo.

#### CONSIDERAÇÕES

Ao término do processo, consideramos que a proposta contemplou os objetivos enumerados:

- experimentação de linguagens artísticas

- valorização da vivência dos idosos por meio de seus relatos e saberes
- espaço para sociabilização

Entendemos que, certamente, ações como esta contribuem para o empoderamento desses idosos – que se percebem como importantes atores sociais - para seu fortalecimento como indivíduos e, também, na percepção de pertencimento a um grupo social no tempo presente, sobre o qual podem, e devem, agir ao transmitir e compartilhar experiências e saberes.

Bem ao modo contemporâneo, na forma de expressar suas preferências, esta ação transpôs as dependências do Sesc Interlagos e originou um grupo no *facebook* – novos espaços de sociabilização, não é mesmo? – dos participantes do projeto. Assim, percebemos esses idosos ampliando suas redes, manifestando suas curtidas, compartilhamentos e comentários. ☺

#### REFERÊNCIAS

- CHAUÍ, Marilena S. Os trabalhos da memória: introdução. In: Bosi, E. Memória e Sociedade: lembrança de velhos. São Paulo, T. A. Queiroz, 1979.
- GETI. Gerência de Estudos e Programas de Terceira Idade. Programa Social com Idosos: conceitos, objetivos e metodologias. São Paulo, 2014.
- MELO, Ana C. S.; MELO, Cláudia F. Grupos sociais: instrumento na manutenção da saúde do idoso? Revista Mais 60 – Estudos Sobre o Envelhecimento. São Paulo, Artigo 2, p. 26-41, volume 25, n. 61, 2014.
- MELO, Orfelina. Aposentadoria: prêmio ou castigo? Passo Fundo/RS: Berthier, 1995
- MIGUEL, C. S.; FORTES, V.L.F. Idosas de um grupo de terceira idade: as interfaces das relações com suas famílias. Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento, Passo Fundo, 2 (2):p. 74-85, jul-dez. 2005.
- Blog disponível em: <http://suelyaparecida.blogspot.com.br>
- SESC-SP. Uma conversa sobre o Sesc. São Paulo: Sesc-SP, 2013.



**RESENHA/LIVRO**

# Cozinhar. Uma História Natural da Transformação

“Não coma nada que a sua avó não reconhecesse como comida.” – Michael Pollan – Regras da Comida – Um Manual da Sabedoria Alimentar, 2009

/ por **Mariana Meirelles Ruoco**



Michael Pollan, ativista alimentar norte-americano, escritor e jornalista premiado, traz como princípio deste livro que o ato de cozinhar é uma das coisas mais interessantes e recompensadoras que os seres humanos podem fazer.

Cozinhar é uma atividade exclusiva dos seres humanos. Essa ideia não é recente. Em 1773, o escritor James Boswell chamou o *homo sapiens* de “animal que cozinha”, e de lá para cá muitos outros grandes pensadores têm reforçado a contribuição do ato de cozinhar para o avanço da civilização. O controle do fogo permitiu aos humanos o



**Cozinhar. Uma História Natural da Transformação.**

**Idioma:** português

**Editora:** Intrínseca

**Autor:** Michael Pollan

professor de jornalismo na Universidade da Califórnia, colaborador do New York Times e escritor de seis livros, quatro deles sobre alimentação, todos best-sellers nos Estados Unidos. Em 2010, foi apontado pela revista Time como uma das cem pessoas mais influentes do mundo.

## **RAIO-X**

**Mariana Meirelles Ruoco**

nutricionista e especialista em Administração de empresas pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), é assistente técnica da Gerência de Saúde e Alimentação do Sesc São Paulo.

consumo de alimentos mais saborosos, fáceis de mastigar e digerir – sem isso, teríamos cérebros menores e passaríamos muitas horas do dia mastigando – possibilitando assim a expansão de nossa capacidade cognitiva à custa da capacidade digestiva.

Hoje vivemos um paradoxo. Pesquisas apontam, em uma tendência global, que a cada dia diminuimos o tempo dedicado para cozinhar e compramos mais refeições prontas, ao passo que passamos cada vez mais tempo pensando em comida, assistindo a programas televisivos de culinária e lendo livros de receitas ou sobre dietas da moda, uma época que *chefs* de cozinha tornam-se celebridades.

Se por um lado há, atualmente, um excesso de informação e contrainformação disseminadas nos meios de comunicação sobre o que seria uma alimentação saudável, por outro presenciemos um aumento expressivo da população mundial com sobrepeso e obesidade. Diante desse cenário contraditório, o autor do livro, um investigador profícuo de todos os elos da cadeia alimentar – do cultivo ao ato de comer e os efeitos da alimentação na saúde das pessoas – buscou encontrar um fator decisivo que pudesse, efetivamente, tornar o sistema alimentar atual mais saudável e sustentável. Pollan pôs a mão na massa e iniciou uma investigação sobre os métodos de cozimento e a importância de pilotar seu próprio fogão, descobrindo então que o ato de cozinhar era a resposta.

Cozinhar convida o leitor para a experiência fascinante de transformar os alimentos por meio de uma reflexão filosófica, política e científica, abordando os quatro elementos naturais: fogo, água, ar e terra. Pollan evidencia que o ato de cozinhar proporcionou para a humanidade muito mais do que um alimento saboroso e di-

gestivo. Foi determinante para que as refeições fossem compartilhadas, ao redor “do fogo” ou, mais tarde, “da mesa”. “A refeição familiar é o berçário da democracia”, escreve o autor, “É onde ensinamos a nossos filhos os modos para viver em sociedade. Ensinamos como partilhar. Como esperar a sua vez. A argumentar sem brigar nem insultar as outras pessoas. Eles aprendem a arte da conversação adulta”.

Ao reconquistar o espaço da cozinha reforçamos os vínculos sociais e familiares, as tradições culturais passadas de pais para filhos, e a nossa conexão com a natureza. Se o ato de cozinhar ocupa um lugar central na identidade, na biologia e na cultura do homem, ao fazê-lo diminuimos nossa dependência da indústria alimentícia e voltamos controlar aquilo que comemos, tornando-nos mais saudáveis ao passo que contribuimos também para um sistema alimentar sustentável. Sim, cozinhar é também um importante ato político! ➔



**Em 1773, o escritor James Boswell chamou o homo sapiens de “animal que cozinha”, e de lá para cá muitos outros grandes pensadores têm reforçado a contribuição do ato de cozinhar para o avanço da civilização.**

## NORMAS PARA PUBLICAÇÃO DE ARTIGOS REVISTA MAIS 60: ESTUDOS SOBRE ENVELHECIMENTO

A revista **Mais 60: Estudos Sobre Envelhecimento** é uma publicação multidisciplinar, editada desde 1988 pelo SESC São Paulo, de periodicidade quadrimestral, e dirigida aos profissionais que atuam na área do envelhecimento. Tem como objetivo estimular a reflexão e a produção intelectual no campo da Gerontologia, seu propósito é publicar artigos técnicos e científicos nessa área, abordando os diversos aspectos da velhice (físico, psíquico, social, cultural, econômico etc.) e do processo de envelhecimento.

### NORMAS GERAIS

Os artigos devem seguir rigorosamente as normas abaixo, caso contrário, não serão encaminhados para a Comissão Editorial.

- Os artigos não precisam ser inéditos, basta que se enquadrem nas normas para publicação, que serão apresentadas a seguir. Quando o artigo já tiver sido publicado deve ser informado em nota à parte sob qual forma e onde foi publicado (Revista; palestra; comunicação em congresso etc.)
- Ao(s) autor(es) será(ão) solicitado a Cessão de Direitos Autorais • conforme modelo Sesc São Paulo – quando da aceitação de seu artigo. Os direitos de reprodução (copyright) serão de propriedade do Sesc São Paulo, podendo ser reproduzido novamente em outras publicações técnicas assim como no Portal Sesc São Paulo [www.sescsp.org.br](http://www.sescsp.org.br)
- Os conceitos emitidos no artigo são de inteira responsabilidade dos autores, não refletindo, obrigatoriamente, a opinião da Comissão Editorial da Revista.
- Todos os artigos enviados, e **que estiverem de acordo com as Normas**, serão analisados pela Comissão Editorial que opinará sobre a pertinência ou não de sua publicação. No caso de aceitação do artigo, o(s) autor(es) será(ão) contatado(s) pelo correio eletrônico e terá(ão) direito a receber 01 (um) exemplar da edição em que seu artigo for publicado.
- Os artigos devem ser enviados para o endereço eletrônico [revistamais60@sescsp.org.br](mailto:revistamais60@sescsp.org.br)
- Os artigos devem conter enviar uma breve nota biográfica do(s) autor(es) contendo: o(s) nome(s); endereço completo; endereço eletrônico; telefone para con-

tato; se for o caso, indicação da instituição principal à qual se vincula (ensino e/ou pesquisa) e cargo ou função que nela exerce.

- Os direitos de reprodução (copyright) dos trabalhos aceitos serão de propriedade do Sesc, podendo ser publicados novamente e o autor também autoriza disponibilização no sítio [www.sescsp.org.br](http://www.sescsp.org.br)
- Os trabalhos aceitos serão submetidos à revisão editorial e apenas modificações substanciais serão submetidas ao(s) autor(es) antes da publicação.

### APRESENTAÇÃO DOS ARTIGOS

- a) Os **ARTIGOS** deverão ser apresentados em extensão .doc ou .docx e devem conter entre 20.000 e 32.000 caracteres, sem espaço, no total. Isto é, incluindo resumo, abstract, bibliografia.
- b) O **RESUMO** deve apresentar de forma concisa o objetivo do trabalho, os dados fundamentais da metodologia utilizada, os principais resultados e conclusões obtidas e conter cerca de **200 palavras**. Deve vir acompanhado por até cinco palavras que identifiquem o conteúdo do trabalho, as palavras-chave.
- c) O **ABSTRACT** também deve conter cerca de 200 palavras e vir acompanhado por até cinco palavras que identifiquem o conteúdo do trabalho, as keywords.
- d) O **ARTIGO** deve conter: Introdução, Desenvolvimento e Conclusão ou Considerações Finais, *não necessariamente com essa denominação*.
- e) As referências bibliográficas, notas de rodapé e citações no texto deverão seguir as normas da **ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas ou as Normas de Vancouver**.
- f) **CATEGORIAS DE ARTIGOS**: Resultados de pesquisa (empírica ou teórica), Relatos de experiência, Revisão de literatura.
- g) **ILUSTRAÇÕES**: As ilustrações (gráficos, fotografias, gravuras etc.) devem ser utilizadas quando forem importantes para o entendimento do texto. Pede-se que fotos (mínimo 300 dpi), mapas, gráficos ou tabelas tenham boa resolução visual, de forma que permitam a qualidade da reprodução. As ilustrações deverão ser numeradas no texto e trazer abaixo um título ou legenda, com indicação da fonte/autor.
- h) **FOTOS**: No caso de utilização de fotos (necessariamente em alta resolução, mínimo de 300 dpi) devem vir acompanhadas de autorização de veiculação de imagem do fotografado e com crédito e autorização de publicação do fotógrafo. (Modelo Sesc SP).



O Sesc – Serviço Social do Comércio é uma instituição de caráter privado, de âmbito nacional, criada em 1946 por iniciativa do empresariado do comércio e serviços, que a mantém e administra. Sua finalidade é a promoção do bem-estar social, a melhoria da qualidade de vida e o desenvolvimento cultural do trabalhador no comércio e serviços e de seus dependentes – seu público prioritário – bem como da comunidade em geral.

O Sesc de São Paulo coloca à disposição de seu público atividades e serviços em diversas áreas: cultura, lazer, esportes e práticas físicas, turismo social e férias, desenvolvimento infantil, educação ambiental, terceira idade, alimentação, saúde e odontologia. Os programas que realiza em cada um desses setores têm características eminentemente educativas.

Para desenvolvê-los, o Sesc São Paulo conta com uma rede de 34 unidades, disseminadas pela Capital, Grande São Paulo, Litoral e Interior do Estado. São centros culturais e desportivos, centros campestres, centro de férias e centros especializados em odontologia e cinema.

---

#### **CONSELHO REGIONAL DO SESC – 2014-2018**

**Presidente** Abram Abe Szajman

**Diretor do Departamento Regional** Danilo Santos de Miranda

**Membros Efetivos** Benedito Toso de Arruda, Carlos Roberto Moreira, Cícero Bueno Brandão Júnior, Dulcina de Fátima Golgato Aguiar, Eládio Arroyo Martins, Euclides Carli, João Herrera Martins, José de Sousa Lima, José Maria de Faria, José Maria Saes Rosa, Luiz Antônio de Medeiros Neto, Luiz Carlos Motta, Manuel Henrique Farias Ramos, Milton Zamora, Paulo João de Oliveira Alonso, Roberto Eduardo Lefèvre, Rosana Aparecida da Silva, Wallace Garroux Sampaio

**Membros Suplentes** Aldo Minchillo, Alvaro Luiz Bruzadin Furtado, Antonio Cozzi Júnior, Aparecido do Carmo Mendes, Arlindo Liberatti, Arnaldo José Pieralini, Atílio Machado Peppe, Célio Simões Cerri, Dan Guinsburg, Edison Severo Maltoni, João Eliezer Palhuca, Paulo Roberto Gullo, Pedro Abrahão Além Neto, Rafik Hussein Saab, Reinaldo Pedro Correa, Willian Pedro Luz

#### **REPRESENTANTES DO CONSELHO REGIONAL JUNTO AO CONSELHO NACIONAL**

**Membros Efetivos** Abram Abe Szajman, Ivo Dall’Acqua Júnior,  
Rubens Torres Medrano

**Membros Suplentes** Costábile Matarazzo Junior,  
Vicente Amato Sobrinho

# mais60

ESTUDOS SOBRE ENVELHECIMENTO

Volume 26 | Número 62 | Agosto de 2015

## NESTA EDIÇÃO:

O crescimento do número de homens entre 60 e 69 anos, que nos anos de 1993 a 2013 não trabalhavam, nem procuravam trabalho, e nem eram aposentados – os “nem-nem” –, é analisado por Ana Amélia Camarano e Daniele Fernandes, pesquisadoras do IPEA, em artigo de capa que dialoga com o ensaio fotográfico de Cristiano Mascaro, *Aposentados*.

Os grupos de convivência no Sesc do Rio Grande do Sul foram tema da pesquisa relatada em *Repercussões dos Grupos de Terceira Idade na vida dos idosos: a fala dos facilitadores do Sesc/RS*. Ainda no sul do país, pesquisadores do Centro Universitário de Maringá e da Faculdade Metropolitana de Maringá são autores de *Análise da massa corporal de participantes do Projeto Qualidade de Vida na Terceira Idade de um Centro Universitário do Interior do Paraná*. A violência contra a pessoa idosa é abordada no artigo *O silêncio que oculta*.

Como as ações socioculturais contribuem para que os idosos se percebam como atores sociais? Esta é uma das reflexões propostas no *Painel de experiências: Sua marca, sua história: arte e memória*. A obra *Cozinhar: uma história natural da transformação* – resenhada por Mariana Meirelles Ruoco – e a entrevista com a artista Marina Abramovic completam esta edição.

[sescsp.org.br](http://sescsp.org.br)



Baixe grátis essa e outras publicações do Sesc São Paulo disponíveis em



MISTO  
Papel produzido a partir  
de fontes responsáveis  
FSC® C000000